HIPERFOCOS

Organizadoras
Emiliana Faria Rosa
Maria Cristina Pires Pereira

Pedro & João editores

Hiperfocos

Pedro & João
editores

Emiliana Faria Rosa
Maria Cristina Pires Pereira
(Organizadoras)

Hiperfocos

Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Emiliana Faria Rosa; Maria Cristina Pires Pereira [Orgs.]

Hiperfocos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 106p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-3046-7 [Digital]

1. Autismo. 2. Hiperfoco. 3. Relatos autobiográficos. 4. Narrativas. I. Título.

CDD – 371

Capa: Marcos Della Porta
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

Sumário

Prefácio O Mergulho na Alma 7
Juliana Moraes Rocha

Introdução 11
Emiliana Faria Rosa
Maria Cristina Pires Pereira

Abaixo o King Kong! Abaixo o King Kong! 13
Maria Cristina Pires Pereira

Da arte de queimar neurônios 29
Emiliana Faria Rosa

Dados, planilhas, mapas 41
Ian Alexander

Então o baixo elétrico ressonou em meu cérebro autista 57
Rafael Antônio Comparsi Laranja

Entre transtornos, cidades e humores 67
Ana Amélia dos Santos de Almeida

Geo-grafias de um corpo autista na cidade: caminhar, perceber, fotografar, escrever 75
Antonio Carlos Queiroz Filho

Mundo de mundos: as palavras e suas vozes 93
Jéssica Soares de Freitas

Prefácio

O Mergulho na Alma

Juliana Moraes Rocha
Psicóloga

As crianças autistas crescem, e se tornam adultas - o transtorno não desaparece. Temos hoje muitos adultos invisibilizados, porque não se encaixavam nos critérios diagnósticos rígidos do passado, e outros tantos desacreditados quando recebem o diagnóstico tardiamente, num contexto em que o mercado de trabalho e o sistema de saúde infelizmente ainda engatinham no que se refere ao preparo e acolhimento adequado ao autista adulto.

Temos aqui um manifesto de existência e de maturidade, escrito inteiramente por adultos autistas que ao longo de décadas de suas vidas aprenderam a navegar numa sociedade raramente desenhada para eles. Ao percorrer as páginas, o leitor é convidado a deixar o seu papel de observador externo e adentrar a perspectiva de quem narra a própria história, exercendo o princípio fundamental de que na neurodivergência o lugar de fala deve ser protagonizado por aqueles que a vivenciam.

A jornada de autodescoberta de muitos dos autores aqui reunidos foi marcada pelo diagnóstico tardio — revelações que chegaram aos 35, 42, 50 ou até 60 anos de idade. Esse momento de revelação é uma imensa oportunidade de releitura do passado, onde anos de sentimentos de todo tipo - e frequentemente daquela sensação de desajuste - são ressignificados como traços de uma identidade autêntica e complexa. O diagnóstico na fase adulta traz consigo um alívio imensurável para a saúde mental, permitindo que o indivíduo finalmente pare de tentar consertar o que nunca esteve quebrado, mas apenas funcionava de um jeito diferente.

A linha que une as narrativas deste escrito é o hiperfoco, termo que aqui ganha profundidade e passa longe da visão clínica limitada de "interesses restritos". Nas palavras dos autores, o hiperfoco é descrito como uma “abdução" ou quem sabe "abraço mental", um estado de absorção tamanha que faz o mundo exterior silenciar e as necessidades fisiológicas, como comer ou dormir, serem esquecidas. Como psicóloga, convido o leitor a partilhar esse fenômeno através da lente do monotropismo: a tendência neurológica de canalizar a atenção de forma intensiva em túneis que fragmentam o mundo para torná-lo suportável e fascinante. E põe fascinante nisso.

Este livro é um mosaico de paixões que ancoram vidas. Através dos textos, somos transportados para a observação meticulosa de gorilas de Maria Cristina, onde o hiperfoco traz calma e perspectiva; para os mapas e planilhas elegantes de Ian Alexander, que organizam o mundo entre Sidney e Porto Alegre; e para o rigor da ciência e da educação defendido por Ana Amélia como ferramentas de sobrevivência e afeto. Encontramos também o sensorial e o estético: a Paris resgatada pela memória e pelo aroma das cafeterias de Emiliana; a vibração física do baixo elétrico e a subcultura Metal de Rafael, que oferecem um santuário para os que se sentem desajustados; e a cidade caminhada e fotografada por Antonio Carlos, onde a câmera atua como uma arma nômade contra o caos urbano. Por fim, Jéssica nos revela a potência das palavras que constroem mundos e a usam como portal para a imaginação.

As páginas, contudo, não romantizam a experiência autista. Os autores são honestos sobre o custo invisível desse funcionamento: a exaustão do masking (o esforço para parecer típico), assim como o fenômeno de "queimar neurônios". O hiperfoco, embora produtivo e funcional em certos aspectos, também cobra seu preço através do efeito rebote - uma pane mental e física que exige períodos de recuperação profunda após o esvaziamento da bateria social e cognitiva. É o retrato fiel de um cérebro que opera em alta performance em seus túneis de atenção

e que frequentemente se sente exaurido pelas pequenas coisas do cotidiano.

Ao final desta leitura, espero que você, leitor, tenha sido afetado por essas histórias de vida, e tenha ainda acumulado informações sobre o Transtorno do Espectro Autista que possibilitem irradiar luz sobre o tema de modo visceral. Este ebook é um convite à escuta sensível de vozes que, por muito tempo, foram interpretadas por outros, mas que agora ocupam seu lugar de direito na literatura e na ciência. Que a coragem desses autores em compartilhar suas vulnerabilidades e hiperfocos sirva de ponte para uma sociedade mais compreensiva, onde diferentes formas de funcionamento humano possam ser vistas com mais curiosidade, menos julgamento e maior respeito. Tenha uma excelente leitura.

Introdução

Emiliana Faria Rosa
Maria Cristina Pires Pereira

Este livro foi escrito, inteiramente, por adultos autistas embora, no senso comum, existam somente *crianças* autistas. Não somos anjos, nem azuis. Sim, crescemos, viramos adultos e idosos, vivendo entre a população típica, temos nossas experiências, trabalho, relações, mas temos especificidades muito marcantes na nossa constituição neurológica.

No princípio era o sentir. Ou o observar.

Muito provavelmente os autores deste ebook perceberam suas características sentindo o próprio mundo interno, observando outros autistas ou pesquisando o tema. É obstante lembrar que autistas adultos existem, e muitos receberam o diagnóstico de forma tardia, e é preciso falar sobre isso... É preciso apontar que exaustão crônica, sensibilidade sensorial (seja esta hipersensibilidade ou hiposensibilidade), desregulação emocional e tantas outras características não pertencem somente às crianças autistas. Estas crescem, viram adultos, se mascaram para caber numa sociedade que não é preparada para nenhuma neurodivergência. E, convenhamos, não está preparada para nenhuma outra diferença (surdez, cegueira, redução de mobilidade etc.). E admitir ser um autista, adulto, hoje em dia, é ser um alvo de incredulidade, invalidação e até hostilidade.

Este ebook não pretende ser mais uma obra teórica sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas sim um livro recheado histórias de vida. Histórias sobre hiperfocos. O que nos faz praticamente, ou quase que literalmente, esquecer o mundo ao redor e mergulhar em um assunto? O que nos leva a ignorar nossa própria fisiologia - comer, dormir, ir ao banheiro? O que é essa

sensação de quase uma abdução, sem ou com ETs, a ponto de não sentirmos o tempo passar, nos encontramos e perdermos em nós mesmos diante de algo que nos abraça mentalmente?

Ah! E quando podemos falar sobre o assunto que hiperfocos?! Quando alguém nos pergunta sobre o tema do nosso hiperfoco?! Ah! Parece uma junção da sensação de noite de Natal com dia do aniversário. Praticamente uma euforia. Gostamos tanto do assunto que queremos compartilhar o que sabemos ou como o vemos. Por muitas vezes não sabemos quando parar, precisamos de sinais de que o outro já está no limite sobre assunto.

Na verdade, foi assim que este livro surgiu, durante uma conversa sobre hiperfocos. Criamos uma oportunidade para compartilharmos o que nos fascina e faz parte de nossos traços. E não, não são "interesses restritos" como rotula a visão somente médica de nossa condição. São variados, profundos, apaixonados e podem contribuir, e muito, com o conhecimento, afinal, não somos um conjunto de incapacidades e inadequações. Espectro, lembram? Quando poderemos nos narrar por nós mesmos?

Para este ebook convidamos pessoas autistas adultas para escrever nesta temática. Pedimos que o texto fosse fluído, prazeroso para o autor e o leitor. É possível, desta forma, perceber nossas características nas entrelinhas de cada texto. Esperamos, com isso, contribuir para que as pessoas autistas adultas sejam melhor compreendidas. Sendo assim, temos aqui textos variados que entregam não só a temática, mas o contexto da experiência autista.

Abaixo o King Kong! Abaixo o King Kong!

Maria Cristina Pires Pereira

"Não sei, só sei que foi assim"[1]

Sempre tive interesse na Natureza, acho que este é o meu verdadeiro e grande hiperfoco que se especializa, de tempos em tempos. Me conforta estar em lugares sem (muita) interferência humana e gosto de praticamente todos os animais, com raras exceções. Às vezes penso que eu deveria ter sido bióloga, até fiz vestibular no século passado, mas a maturidade me ensinou que é melhor ser uma estudante amadora de certos assuntos. A profissionalização, de temas que adoramos, tende a desgastá-los no dia a dia de burocracias, falta de flexibilidade, concorrência de egos e funções paralelas que têm que ser cumpridas, mas não são diretamente relacionados com o assunto que nos fez escolher aquele trabalho. Gostar do que se faz é bom, mas, para mim, as paixões devem ser preservadas para o desfrute particular. Então, prefiro a liberdade de investir meu tempo e dinheiro em uma atividade que seja prazerosa e me traga satisfação, sem o ônus de ser uma profissão.

Desde criança, passava horas e horas observando animais que quase ninguém presta atenção: formigas e suas jornadas de ida e volta ao formigueiro, algumas vezes fazendo pontes para elas passarem por algum lugar difícil, outras vezes sacaneando a fila, colocando obstáculos; joaninhas em bando nas taquareiras; aranhas e vespas e suas batalhas (a vespa geralmente vencia), eu fazia uma imersão naquele mundo minúsculo e ele se tornava imenso para mim. Cheguei a colecionar os Mil Bichos, da Editora Abril, que

[1] Fala famosa do personagem Chicó, em Auto da Compadecida, do autor Ariano Suassuna.

eram fichas informativas de cada animal, que li, reli e quase decorei. Plantas fitoterápicas, plantas alimentícias não convencionais (PANCs), plantas que atraem borboletas, beija-flores e abelhas, observação de aves e, claro, gatos também são especializações do meu hiperfoco "guarda-chuva", a Natureza.

Só sei que, um dia, me dei conta de que os gorilas tinham virado meu atual tema de concentração intensa. Quando percebi, boa parte de meu *YouTube*[2] eram só visualizações de gorilas. Em determinado momento, movi todos os canais de gorilas para uma conta só e entro lá quando quero ver sobre este tema e, sim, quase diariamente tenho que assistir gorilas, me acalma, me dá uma sensação boa. Tenho pastas nos favoritos e no computador, links e imagens para assuntos relacionados aos gorilas. Tenho artigos para ler que vão preencher muitas horas de minha aposentadoria (assim espero). E, de vez em quando, experimento sentar, me abaixar e comer como os gorilas comem, dá uma certa perspectiva do outro, embora não capture tudo, obviamente.

Também percebi que, como todos os interesses, existem nichos, sejam de típicos ou atípicos e que formam comunidades. Neste caso de *gorilla lovers* ou *gorilla fans*. E aí que vejo a diferença, bem pronunciada, entre um hiperfoco e de pessoas que, por diversos motivos, *apenas* têm curiosidade por algum assunto, no caso, gorilas. Quem tem o hiperfoco vai atrás de tudo, de artigos, de fotos, da genealogia de cada família de gorilas. Muito do fenômeno dos hiperfocos eu não sei explicar bem, principalmente a aparente compulsão por alguns assuntos, pois não é só um simples "interesse focado", é ficar obcecada e usar todo o tempo livre para pesquisar, aprender, saber e viver o tema em si, o mais profundamente possível. Boa parte de quem só se interessa por gorilas, atribui a eles comportamentos que não pertencem ao seu repertório como sorrir (eles riem, mas não sorriem), agressividade, quando na verdade estão apenas mostrando a sua força para as fêmeas etc.

[2] Plataforma de vídeos, disponível em: https://www.youtube.com/.

Recentemente no Japão, de 2025 para 2026, gorilas adultos (duas fêmeas, Anie e Momoka, e um macho, Gentaro) foram deslocados de zoológicos, para fins de reprodução

Nos comentários do YouTube, o que se via era que a maioria estava projetando expectativas muito humanas nas famílias que tiveram seus membros transferidos. Uma pessoa que somente goste de seguir gorilas, geralmente, lamenta que um indivíduo macho, quando chega a sua maturidade sexual, seja separado dos seus pais e irmãos. Quem tem hiperfoco, já leu, estudou e se informou de que, faz parte da organização social dos gorilas que, quase praticamente todos os machos deixem seu grupo familiar e, ou se juntem a um grupo de solteiros ou vivam solitários até que consigam fêmeas para formar uma família (também chamada de tropa ou bando). Outras pessoas, comentam que deviam separar as fêmeas, antes da transferência para outro zoológico, assim como fizeram com o macho. Detalhe: as fêmeas não formam grupos de solteiras ou vivem sozinhas, os casos são excepcionais, o que acontece é que elas se transferem diretamente de um grupo a outro. No ambiente selvagem, 1) duas ou mais famílias se encontram e elas vão para outra tropa em que considerem o macho mais atrativo ou, 2) em deslocamento pela selva, um macho "rouba" ou até luta com um chefe de bando e, vencendo, fica com as fêmeas (que podem ou não, permanecer no grupo). Ou seja, a maioria que comenta sobre os gorilas tem uma visão extremante contaminada, pela experiência humana do que é família e que eles deveriam sentir e se comportar como nós. Visualizar gorilas não é conhecer gorilas.

A pergunta frequente, principalmente de quem não tem hiperfocos como característica neurológica, é "mas por que tens esta fixação em gorilas?", a resposta é "não sei"! O começo de um hiperfoco muitas vezes é difícil de ser rastreado. Uma de minhas teorias é que, assim como os gatos, que adoro, os gorilas têm comportamentos com os quais uma pessoa autista pode se identificar facilmente, como veremos mais adiante.

Quando as pessoas sabem que me interesso por gorilas, começam a me mandar, indistintamente, coisas sobre qualquer grande primata e até sobre macacos. Reconheço a boa vontade e gentileza de quem faz isto, mas depois de conhecer um pouco sobre cada grande primata, ficamos entendendo o quanto são diferentes:

• O orangotango é o mais diferente, pois tem pelagem cor-de-laranja, são semi-solitários, os machos adultos vivem sozinhos e as fêmeas vivem com seus filhotes sem formar, tipicamente, grupos com outras fêmeas, a espécie é arborícola, pois passam a maior parte do tempo nas árvores e não no solo e seu habitar natural é no sudeste asiático (Indonésia e Malásia).

• Apesar de chimpanzés e bonobos viverem em grupos e serem muito parecidos fisicamente, com certo tempo de observação torna-se fácil distingui-los, chimpanzés possuem uma sociedade patriarcal, com um macho liderando, mas com um grupo de machos dominantes associados a ele e uma hierarquia bem complexa e que muda de acordo com suas alianças de amizade e políticas, enquanto os bonobos são matriarcais. Chimpanzés e bonobos são extremamente vocais, diferentemente de orangotangos e gorilas, e seus grupos são compostos por vários machos e várias fêmeas, vivendo em regime de promiscuidade (as fêmeas podem acasalar com vários machos), sendo que nos chimpanzés os machos de alta hierarquia têm maior acesso às fêmeas no cio e, entre os bonobos, o sexo cumpre várias funções: pode ser uma saudação, reduz tensão em disputas por alimentos e é praticado entre todas as combinações de idade e sexo, não sendo infrequente interações homossexuais (pelos nossos padrões). Chimpanzés e bonobos, assim como os gorilas, são oriundos da África.

Resumindo: os grandes primatas são diferentes entre as espécies e, inclusive, entre si, possuindo personalidades únicas. E, apesar de compartilharmos a mesma ordem (Primatas) e a mesma família (Hominídeos) com chimpanzés, bonobos e orangotangos, eu gosto mesmo é de gorilas!

Nas Américas, somente existem gorilas em cativeiro no Canadá, nos Estados Unidos e... no Brasil! Existe uma família no zoológico de Belo Horizonte e uma tropa de solteiros, no zoológico Animália Park, em São Paulo. Confesso que me dói ver gorilas nos zoológicos, pois nem todos têm um tratamento e um habitat que respeitem suas características, mas é onde, atualmente, boa parte deles se encontra. Não os frequento, só fui a um uma vez, quando

era criança, e não me fez bem. Pelo menos, com a tecnologia atual, muitas pessoas conseguem pressionar estes estabelecimentos por condições mais dignas, pois vamos falar a verdade, apesar da falácia de que são conservacionistas, o objetivo maior é o lucro. Nada melhor do que uma avalanche de comentários, e-mails e petições para constranger maus zoológicos.

Considero que as fontes de informação sobre gorilas mais confiáveis vêm, em ordem crescente, de *YouTubers* e respectivos expertos comentaristas (insira ironia aqui), sites de companhias que fazem *trekking* de observação, na África, e artigos científicos, os melhores. Os gorilas que assisto são tanto cativos quanto selvagens. Cativos em canais dos zoológicos ou de fãs de gorilas e selvagens dos canais *Gorilla's Doctors*, *GRACEgorillas*, *Dian Fossey Gorilla Fund* e o interessantíssimo *HUBERT-BRIERRE, Xavier*, um fotógrafo francês que coloca espelhos na selva e filma a reação dos animais. Também acompanho a genealogia das famílias de gorilas em *Gorilla Galore*, *Gorillas Land* e *Gorilla Fan NL* e possuo a minha própria *playlist* dos vídeos que eu achei mais interessantes, aqui.

Como eles são?

O termo gorila foi inspirado pelo relato de uma viagem, calculada de ter acontecido no século V, chamada de Périplo de Hanno, pela costa ocidental da África, em que este navegador conta sobre um grupo de indivíduos peludos, os Γόριλλαι (gorillai), em que três fêmeas foram capturadas, mortas e esfoladas e suas peles levadas para Cartago. Até hoje existe a discussão se o termo se referia a humanos ou não humanos e na possibilidade de algum erro de tradução ou compreensão ao que realmente Hanno estava se referindo (Bosak-Schroeder, 2019).

A classificação dos gorilas tem sofrido atualizações com o reposicionamento e inclusão de uma nova subespécie e, atualmente, encontra-se assim:

● Gorila-do-ocidente (Gorilla gorilla):
1) Gorilla gorilla gorilla.
2) Gorilla gorilla diehli.

● Gorila-do-oriente (Gorilla beringei):
1) Gorila-das-montanhas (Gorilla beringei beringei).
2) Gorilla beringei graueri.

Amahoro

Todas as espécies de gorilas, em zoológicos, são de gorilas ocidentais, menores e se adaptam melhor ao (hediondo) cativeiro. Amahoro, do zoológico de Antuérpia, na Bélgica, é a única gorila em cativeiro que é de outra espécie, é uma gorila de Grauer (Gorilla beringei graueri), muito grande e com a pelagem bem preta e brilhante. Amahoro está condenada a não ter filhos, pois seguindo normas internacionais, não devem ser produzidos híbridos entre as espécies de gorilas.

As espécies e suas subespécies têm algumas distinções na constituição física, dinâmica dentro das famílias e nos locais onde vivem, mas não vou entrar em profundidade nestes detalhes, pois o público em geral não vai perceber muita diferença. Todas as espécies de gorilas são nativas da África (Angola, Camarões, República Centro-Africana, República do Congo, República Democrática do Congo, Guiné Equatorial, Gabão, Nigéria, Ruanda e Uganda.)

A estrutura social dos gorilas em estado selvagem é de harém, um macho adulto e, em geral, mais de uma fêmea, seus filhotes e alguns machos que ainda não atingiram a maturidade. Ocasionalmente, pode haver um grupo com mais machos, o que não é incomum nos gorilas-das-montanhas, mas não é a regra entre as outras (sub)espécies, apesar de que, com a perda de seu habitat, outros grupos de gorilas estão sendo observados, em ambiente natural, com mais de um macho adulto por bando. Identifica-se um macho adulto, além de sua forte estrutura muscular, do crescimento de longos pelos nos braços e dos dentes caninos bem desenvolvidos,

por uma (des)coloração branca ou grisalha, em suas costas e por isso, em inglês, eles são chamados de *silverbacks* (costas prateadas) já que, nesta língua, os cabelos grisalhos também são nomeados como "prateados". Em português, como não encontrei fontes mais confiáveis com a nomenclatura, penso que poderia ser costas brancas/lombo branco ou costas grisalhas/lombo grisalho. Na falta de uma discussão e consenso, vou aderir aos termos em inglês.

A gestação das gorilas leva, em média, oito meses e meio e as crias nascem bem pequenas, com 1,5 kg a 2 kg. O filhote passa os primeiros meses, literalmente, agarrado aos pelos da mãe que só o coloca no solo, neste período, por razões bem determinadas: 1) ele já está maduro para começar a se exercitar a engatinhar, 2) a mãe está muito doente ou 3) o bebê foi rejeitado.

1) N'djia e o bebê macho ainda sem nome (chamado informalmente de little Kelly), do zoológico de Los Angeles, nos Estados Unidos da América; 2) Tamidol e Makongo, do zoológico de Gaia, nos Países Baixos e 3) Nneka e Kayembe, do zoológico de Cleveland, nos Estados Unidos da América

N'djia é uma mãe experiente, já teve filhos, o pequeno little Kelly é criado bem independente, já não anda só grudado nos pelos de sua mãe, onde sobe somente para mamar, procurar algum conforto e dormir. Em boa parte do tempo, já engatinha e incursiona alguns metros longe de sua mãe. A falecida Tamidol teve seu bebê e o carregou durante alguns meses. Infelizmente, em muitos zoológicos, não existe uma revisão veterinária periódica de seus animais e os gorilas sabem muito bem esconder a profundidade de sua dor até chegar a um nível em que já estão com a doença em estágio grave. Foi o que aconteceu com o pequeno Makongo que, de repente, foi deixado no chão e só aí, a equipe percebeu o quanto Tamidol estava doente e ela teve que ser eutanasiada. No caso de Nneka, seu filho foi rejeitado logo depois do parto, ela não o pegou do chão e o começou a limpar, como é o comportamento esperado. A sorte foi que, no mesmo grupo, uma gorila idosa (Fredy) com fortes instintos maternais, o juntou do

solo e, a partir dali, começou a cuidar dele, chamado de Kayembe, como se fosse seu filho biológico, inclusive lactando e amamentando.

O desenvolvimento é mais rápido do que nos humanos, as fêmeas atingem a maturidade sexual dos 8 aos 10 anos, em média, e os machos dos 10 aos 13, aproximadamente, embora os machos mesmo atingindo a maturidade só começam se reproduzir efetivamente por volta dos 13 a 15 anos, se encontram parceiras. Até o início da idade adulta, quando os machos se transformam em *silverbacks*, é muito difícil fazer a distinção entre machos e fêmeas, pois além dos pelos, os órgãos sexuais masculinos são pequenos e bem camuflados.

Sulaiman, o "macho" que deu à luz

Sully, antigamente conhecida como Sulaiman, foi considerada como gorila macho até 14 de julho de 2023. Neste dia, ela apareceu com um bebê nos braços, o pequeno Kwame. Foi só aí, já com quase 10 anos de idade, que seus tratadores descobriram que ela era, na verdade, uma gorila fêmea! Isto que ela nasceu em um zoológico (Milwaukee, EUA) e, depois de transferida, teve seu bebê em outro estabelecimento (Columbus zoo, EUA). Confesso que achei negligência, não havia um veterinário para atestar o sexo de Sully quando ela era pequena? Ninguém observou? Pois, para deixar esta história mais diferente ainda, o pai não é o silverback dominante. Foi detectado por testes genéticos que Kamoli, um outro macho de 10 anos de idade, driblou a vigilância do líder do grupo, conseguiu acasalar com, pelo menos, a agora mamãe Sully. Aliás, mesmo em estado selvagem, existe uma estimativa, em grupos monitorados, que até 25% dos filhotes acabam não sendo do gorila silverback dominante. As fêmeas podem, sem conhecimento do líder da tropa, encontrar machos solitários ou até mesmo dentro de seu próprio grupo e acasalar, gerando esta diversidade.

Quando chegam à maturidade sexual, os jovens machos começam a desafiar o *silverback* dominante e 1) são expulsos ou 2)

saem espontaneamente ou 3) derrotam o macho dominante, substituindo-o como líder, e o antigo chefe da família é expulso tornando-se um macho solitário ou se unindo a um grupo de solteiros (somente machos). Podem ocorrer mortes nestas disputas, mas os gorilas, talvez por seu grande porte e muita força, utilizam uma série de estratégias para que o confronto se torne físico e letal somente em último caso. Os confrontos entre gorilas são muito performativos. Existe muita correria, arrastar galhos, tamborilar no peito, bater no chão, tudo isso para dissuadir o(s) adversário(s) de entrar em uma verdadeira luta física que, pela força natural dos gorilas, ocasiona ferimentos graves, incapacitantes ou mortais.

> ***O famoso movimento de tamborilar no peito***
> *Outra curiosidade foi que, trabalhando com a língua brasileira de sinais (Libras), onde o sinal icônico de gorila é feito batendo no peito com as mãos fechadas, descobri que, na verdade, os gorilas batem no peito com as mãos abertas, em concha. Isto é feito para amplificar o alcance do som na floresta. Até mesmo os ouvintes, se forem pedidos para demonstrarem o movimento, vão provavelmente fazê-lo com as mãos fechadas.*

Já as fêmeas, podem se dispersar e trocar de grupo mais de uma vez na vida. Apesar de ser dito que a sociedade gorila é patriarcal (em nosso sentido humano), é difícil de classificá-los, pois se é verdade que a maioria dos grupos estão unificados em volta de somente um *silverback* dominante, também é verdade que quem escolhe o macho é a fêmea. Ela que, em ambiente selvagem, muda de grupo se não está satisfeita com o macho, se ele está incapaz de proteger o grupo ou por outras razões, difíceis de serem detectadas. Também, tanto em grupos em cativeiro quanto selvagens, é a fêmea que, quando no cio, geralmente toma a iniciativa para o convite à cópula, olhando fixamente para o macho, o seguindo e, várias vezes, o cutucando.

São as fêmeas que cuidam prioritariamente das crias, quando pequenas, mas a partir do momento em que os bebês vão ficando

mais independentes, muitos pais brincam ou ficam cuidando de seus filhotes.

Adoções, por machos, em ambiente selvagem
Kubaha, um gorila macho, selvagem, adotou mais de um gorila ainda em estágio infantil, depois que as suas mães dispersaram (foram para outro grupo). Outro gorila macho selvagem, Chiminuka, adotou um gorila, depois de sua mãe morrer e a pequena órfã Urusobe, de aproximadamente 3 anos de idade, que foi "adotada pelo grupo" com alguns machos, o irmão mais velho e suas avós compartilhando o cuidado dela. Entre os gorilas, mesmo os selvagens, a adoção é uma prática relativamente comum e, se o filhote gorila foi desmamado, existe uma boa probabilidade de sobrevivência. Existem teorias de que isto acontece, pois na sociedade gorila é comum que as fêmeas se dispersem (troquem de tropa) e evolutivamente os grupos sociais se adaptaram a este comportamento, provendo proteção e suporte para os abandonados ou órfãos.

Em ambiente selvagem, gorilas vivem, em média, de 35 a 40 anos. Em cativeiro, tivemos recentemente, em 13 de abril de 2026, o aniversário da gorila Fatou, no zoológico de Berlim, completando 69 anos, sendo a gorila mais idosa observada até agora.

Gorilas não são conhecidos por expressões faciais muito pronunciadas, elas existem, mas são discretas na sua maioria. Muitas pessoas, equivocadamente, consideram que os gorilas são sérios e mal-humorados. A verdade é que eles se expressam de maneiras que pouca gente compreende. Além disso, existem posições corporais, vocalizações e, inclusive cheiros que comunicam. Por exemplo, um macho sujeito a uma forte emoção, estresse ou excitado, vai exalar um odor muito característico embaixo de seus braços (axilas) e é comum que os outros membros do grupo o cheirem para se colocarem a par de seu estado de humor. Ao contrário de chimpanzés e bonobos, gorilas não vivem gritando, até mesmo a maioria de suas vocalizações são discretas, a não ser em casos de conflitos.

Koko

Talvez a gorila mais conhecida de todas porque, supostamente, aprendeu uma língua de sinais, no caso a American Sign Language (ASL), língua de sinais utilizada nos Estados Unidos. Como a minha área de trabalho é especificamente as línguas de sinais e especialmente a língua brasileira de sinais (Libras), claro que este caso me chama a atenção. Vou tentar ser sucinta. O caso da gorila Koko é bastante complexo, pois além dela ter sido privada do convívio com sua espécie desde 1 ano de idade, ser alimentada com comidas totalmente inapropriadas para uma gorila (tendo ficado obesa), a alegação de que ela utilizava a ASL é contestada, sendo que alguns especialistas alegam que, na verdade, Koko reagia a sutis pistas corporais, mesmo que inconscientes, dadas por seus tratadores, fenômeno este chamado de "Efeito Clever Hans".

Existem muitos outros fatos sobre os gorilas que eu poderia compartilhar, mas não tenho mais espaço, nem tempo. Eu me identifico com eles, são silenciosos, discretos e imagino que só querem ser deixados em paz no seu habitat natural e viverem suas vidas, sem grandes interferências humanas, comendo suas saladinhas, fazendo seus cafunés, se catando uns aos outros, sentados na grama, subindo ocasionalmente em árvores... Infelizmente, além das ameaças mais conhecidas como invasão de seu território (por humanos) e, com a proximidade, doenças que podem ser transmitidas entre as duas espécies, como o ebola também atingem os gorilas, caça (sim, pessoas comem gorilas), existe o absurdo de que muitas pessoas adquirem animais selvagens para serem ostentados. Tigres, chimpanzés, leões, vários animais e, inclusive, gorilas, são traficados para propriedades particulares, onde são confinados em espaços diminutos, nada adequados, muitos deles "humanizados", tratados como crianças ou pessoas da família e isto não é bom, para eles é uma violação ao que são. O que acontece, no caso dos grandes primatas, é que eles são tão bonitinhos e apegados quando são pequenos, mas quando chega a adolescência e maturidade, os hormônios lhes dão uma

força descomunal, ficam impossíveis de manejar e acabam descartados, muitos confinados em celas e chão de cimento e outros mortos. Animais selvagens pertencem à Natureza e o que nós, humanos, estamos fazendo para preservar uma parte do mundo aos outros animais?

Zeytin

De uns tempos para cá, os zoológicos capturaram o discurso de conservacionistas e que os gorilas são embaixadores da espécie, isto é dito até a exaustão em vários vídeos. Um caso emblemático é do gorila Zeytin que foi descoberto sendo contrabandeado, trancado em uma caixa de madeira, vestindo uma camiseta, no meio da imundície, no aeroporto de Istambul, Turquia. Segundo as autoridades, provavelmente, ele seria traficado para algum país da Ásia para ser animal de estimação (pet). Zeytin (que significa azeitona em turco), foi mandado para o zoológico de Polonezköy, em Istambul, e foi anunciado que ele seria tratado, pois estava desidratado e muito magro, e em seguida seria enviado para algum santuário, na África, onde teria chances de conviver com outros gorilas e ter um aprendizado social entre sua espécie. Até aí vão os noticiários, mas ao pesquisar o que tinha sido feito dele, descobri que até agora, 2026, ele ainda está no referido zoológico, e por quê? Por uma manobra burocrática, as autoridades turcas não vão enviá-lo de volta à África e o pequeno gorila está condenado a viver em solidão, pois na Turquia não existem outros gorilas em cativeiro. Minha visão da situação? Ganância de ter um gorila em um zoológico na Turquia. E assim caminha a humanidade. A notícia pode ser vista aqui (em inglês).

O que muitas pessoas ignoram é que para ter um bebê gorila ou qualquer outro primata em cativeiro, seja em zoológicos, seja em propriedade particular, outros de sua espécie foram mortos, inclusive e principalmente a mãe. Em geral, as mães primatas não largam seus filhotes nos primeiros meses e, mesmo quando as crias começam a dar os primeiros passos, não vão muito longe, para poderem voltar rapidamente a ela, em caso de algum perigo ou

ameaça. Portanto, cada bebê primata e, o que se vê muito, macaquinhos que vocês assistem ou compartilham imagens, são órfãos, pois suas mães e, provavelmente toda a sua família foi massacrada. Ajudem, não compartilhando imagens (vídeos, gifs, figurinhas) de animais selvagens humanizados, com roupas, sendo tratados e fazendo coisas que humanos fazem, pois para eles isso é aniquilador. É pouco, mas já ajuda a não perpetuar a imagem de que ter um animal de estimação selvagem é algo bom, divertido e que não causa nenhum mal ao animal.

A Sociedade Brasileira de Primatologia tem uma cartilha muito educativa sobre o assunto, intitulada Macaco não é Pet e, vez ou outra, alguns canais de notícias tentam conscientizar o público, como o G1 nesta matéria, Memes "fofos" e figurinhas de macacos escondem maus-tratos, apontam entidades. Obviamente que estas recomendações se estendem a qualquer animal selvagem. No YouTube, onde mais assisto gorilas, frequentemente aparecem recomendações de vídeos de macacos sendo tratados como bebês ou crianças. Eu imediatamente denuncio, clicando nos três pontinhos perto das imagens das miniaturas dos vídeos e em "Denunciar" como "Conteúdo abominável ou abusivo". A gente tem vontade de entrar no canal e xingar, mas não devemos fazer isso pois conta como visualização e é isto que quem faz os vídeos quer, engajamento e monetização (recompensa financeira pelo número de visualizações), seja de pessoas inocentes que acham "bonitinho" ou de quem já é consciente dos maus tratos que isto representa.

Muito se fala em vida extraterrestre, muita literatura, filmes e projeções futurísticas, no entanto, penso que se não conseguimos respeitar nem conviver com seres que partilham o mesmo planeta, imaginem encontrar outras espécies que poderiam, se existissem, ser absurdamente distintas de nós. A espécie humana é uma praga[3],

[3] Considerando praga qualquer animal ou vegetal que se prolifere de forma descontrolada, consumindo os recursos locais e que sua população cresça a ponto de causar prejuízos no ambiente.

não estamos deixando nem uma margem para que as outras espécies possam viver confortavelmente de acordo com as suas necessidades. A não ser nós, humanos, que estamos crescendo em população a um nível insano e insalubre, os outros grandes primatas enfrentam risco de extinção. Queremos todas as faixas de terra para morar, cultivar e criar nossa comida, queremos toda a água, queremos tudo a ponto de considerarmos áreas verdes como lixo e improdutivas e plantas que achamos que não nos são úteis como erva daninha a extirpar. Os gorilas sofrem diretamente as consequências desta nossa ganância.

Encerrando, mas não terminando e o que o King Kong tem a ver com isso

Tudo o que escrevi aqui são aproximações. Assim como nós, os gorilas têm personalidades e isto é fascinante de se observar. Existem gorilas: mais e menos amorosos, mais e menos brincalhões, mais e menos agressivos, mais e menos sociáveis e assim por diante. Imaginem-se descrevendo a espécie humana, também teríamos médias de comportamentos que, obviamente, não se aplicariam a todos.

Hiperfoco é não conseguir parar de escrever (ou falar) sobre ele. É escrever páginas e páginas e lembrar que não é um livro que estou escrevendo, é só um capítulo e com um limite de texto. Sim, eu poderia escrever um "Gorila para Leigos", mas não sei se quero e, sim, nosso(s) hiperfoco(s) é(são) cativante(s) para nós e não vai(vão) conquistar a todos, embora gostaríamos. Então, este tema, para mim, não termina, mas tenho que encerrá-lo aqui.

E, finalmente, declaro, que o filme King Kong, suas refilmagens e derivados, só prestaram um grande desserviço a estes animais. Por causa destes filmes, o gorila é visto como feroz, violento e agressivo no imaginário social. Em realidade, os gorilas são bem pacíficos, comparados aos outros grandes primatas, como foi possível perceber no que, sucintamente, descrevi. Espero que, quem tenha lido este texto, fique com uma visão menos

estigmatizada destas criaturas que, apesar de serem bastante mencionadas são, na verdade, pouco conhecidas e espelham como estamos tratando a Natureza que nos gerou.

Referências

BOSAK-SCHROEDER, Clara. **Making Specimens in the Periplus of Hanno and its Imperial Tradition**. American Journal of Philology, Volume 140, Number 1 (Whole Number 557), Spring 2019, pp. 67-100 (Article). Acesso em: 10 fev. 2026. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/57e9726bbebafb818eaa5a1a/t/5c88246af9619aff9fe39474/1552426092715/Making_Specimens_in_the_Periplus_of_Hann.pdf. Acesso em: 10 mai. 2026.

Maria Cristina Pires Pereira
Ensino Médio em Técnica em Introversão. Graduada em Só Consigo Fazer Poucas Coisas por Vez e Devagar. Graduação interrompida em Fugir de Gente Estranha. Pós-graduação lato sensu em Observar os Detalhes e Perder o Panorama Geral. Mestrado em Nunca me Encaixei. Doutorado em Sinto Demais, Penso Demais, Tudo é Demais. Pós-doutorado em Perfeccionismo. Outros interesses de pesquisa: vidas não convencionais, especialmente de pessoas que preferem viver mais na solitude, eremitas, errância e nomadismo de andarilhos e trecheiros. Trabalha na Universidade Federal do *Masking*[4]. Eterna pergunta de pesquisa: "serááá???".

[4] Estratégia de sobrevivência de autistas que consiste em disfarçar e camuflar sua condição atípica, o que causa uma sobrecarga cognitiva e emocional, levando a um cansaço crônico e esgotamento, muitas vezes até a crises.

Da arte de queimar neurônios

Emiliana Faria Rosa

"Sigo procurando uma palavra simples
que descreva minha complexidade."
(Amélie Poulain)

Eu não usava a palavra hiperfoco. Em geral, quando eu mergulhava profundamente em algum assunto, dizia que tinha focado. Qual a diferença? A intensidade. Se no focar nos concentramos num assunto ou tarefa, no hiperfocar tal concentração será intensa a ponto de a pessoa perder a noção de tempo e espaço. Comer? Ir ao banheiro? Esquecemos.

Em termos gerais, de acordo com Ashinoff e Abu-Akel (2021), o hiperfoco é um fenômeno que reflete a completa absorção de uma pessoa em uma tarefa ou uma atividade particularmente divertida ou interessante, a ponto de ela parecer ignorar ou "desligar" completamente tudo ao seu redor.

Lembro bem de sentar para ler e me perder no livro a ponto de nem perceber que escurecera; quando eu era mais jovem, minha mãe vinha e brigava comigo que eu estava lendo no escuro. Não sentia, eu queria ler, terminar de ler, estava presa naquela atividade. Eu devorava, e ainda devoro, livros. Ainda me pego lendo no escuro. Enquanto eu não termino de ler, não sossego.

Só recebi o diagnóstico de TEA aos 42 anos, mas antes tarde do que nunca. Volta e meia tenho lembranças de acontecimentos que se encaixam perfeitamente com o transtorno. Ou seja, embora me descobrir autista, oficialmente, seja recente, posso dizer que tive vários hiperfocos durante todos esses anos. Inclusive lembro de um no jardim de infância: tentar descobrir, incansavelmente em todos os recreios, por onde iria o encanamento que saia na mini piscina do pátio do jardim. O amigo que sempre me acompanhava na busca

acima teve diagnóstico de TEA e TDA[1] faz pouco tempo também. Isso mesmo, ainda tenho contato com este amigo e, enquanto escrevia esse texto, ele me recordou para onde ia o encanamento que tanto procurávamos quando tínhamos quatro, cinco anos de idade. Não posso contar, é segredo de ex-alunos do ISVP[2].

Sou curiosa sobre se alguém mais possui, embora eu creia que vários autistas, hiperfocos temporários com data de validade ou prazo para terminar. Será possível ter um único hiperfoco a vida toda? Será possível ter vários ininterruptos? Cito aqui as dúvidas de Ashinoff e Abu-Akel (2021), as quais são bastantes pertinentes: "o que define algo como interessante? Precisa gerar prazer, como um videogame, ou uma tarefa importante de casa é suficiente? E como a percepção do ambiente é diminuída?". Perguntas que me trazem reflexões sobre mim mesma. Percebo que tenho hiperfocos temporários e outros permanentes. Desde muito tempo.

Cupcake, doce hiperfoco temporário

Alguns anos atrás, tive uma fixação por cupcakes, sim, aqueles bolinhos confeitados e/ou recheados. Eu os fazia, muito bem por sinal. Gostava muito de fazer as coberturas ou os topos decorados dos cupcakes, incluindo diversas técnicas, como moldar rosas de chocolate com bico de confeitar, ou esculpir bichinhos, personagens infantis e de desenho animado ou uma bruxa de ponta cabeça em num caldeirão, tudo em pasta americana de açúcar.

[1] TDA: Transtorno de déficit de atenção.

[2] ISVP: Instituto São Vicente de Paulo. Colégio regido por freiras vicentinas localizado na Tijuca - Rio de Janeiro. Atualmente extinto.



Foto do acervo da autora

Aprendi técnicas, massas, recheios, comprei livros de confeitaria sobre isso. Assisti vídeos e mais vídeos-aulas sobre massas e modelagens. Comprei assadeiras, formas de papel, moldes, bicos de confeitar, sacos de confeitar e instrumentos para pasta americana. Por algum tempo, era só o que eu fazia de doces. Cupcakes. De vários sabores e tamanhos. Meus bolinhos eram realmente bons, eu recebia elogios e encomendas.

Quando adotei minhas gatas, elas receberam os nomes de Cup e Cake. Até que com o tempo... eu parei de fazer, não tinha mais vontade. Ainda tenho um bocado de sacos de confeitar e forminhas de papel em uma caixa. Na pele, uma tattoo de cupcake junto a um *fouet* feita no auge do hiperfoco. Entretanto, hoje em dia, preciso ter muita vontade para poder fazer os bolinhos. A propósito, ainda sei fazer um cupcake de chocolate delicioso.

O hiperfoco permanente que me faz renovar meu passaporte: Paris

Tenho uma memória bem antiga de alguém me dizer que meu padrinho tinha feito aulas de francês quando jovem. O comentário

surgiu por conta dos livros de Agatha Christie que eu lia, neles haviam palavras ou frases em francês, ditas pelo detetive Hercule Poirot. E eu, sempre curiosa, traduzia tais frases querendo aprender a língua. De tanto ler a autora, chegou um dia em que eu não precisava mais do dicionário de francês. Algum tempo depois, muitos e muitos anos, me inscrevi em aulas dessa língua. Minhas pacientes professoras me ensinavam compreensão, interpretação e gramática. E eu, surda curiosa, pedia que escrevessem a pronúncia das palavras.

Com o passar do tempo, mesmo antes das aulas de francês, meu hiperfoco passou a abranger a cidade, a língua, comidas, filmes franceses ou com atores franceses. Ah! E livros que tenham Paris por cenário/personagem. Já perceberam quantos livros sobre livrarias em Paris existem? Vários!

Curiosidades: tenho uma Torre Eiffel na parede de casa, além de uma tattoo com a palavra *liberté*. Acredito que a tattoo foi feita depois da terceira viagem para lá. A torre na parede de casa antes era um painel de ponta a ponta, mas como precisei retirar, substitui por outra torre, colada na parede. A decoração não para nisso, há um mapa emoldurado da cidade, mini torres na estante, fotos, uma placa que trouxe na primeira ida...

O que mais posso dizer? Esta cidade me envolve; sou capaz de ficar um bom tempo falando sobre os lugares de lá, das viagens para esta cidade, das minhas experiências… além de dar dicas de passeio, de onde ir, onde comer, onde parar para curtir a Cidade Luz. Por exemplo? Pegue o metrô e vá para a *Place des Vosges*, aproveite os bancos ao redor da praça para praticar o nadismo, a arte de fazer nada, só viver. Obviamente, aproveite para respirar e observar ao redor. Faça um lanchinho, beba uma água, escreva ou, simplesmente, *carpe diem*.

Aproveite a parte da manhã para ir a lugares turísticos, como museus, igrejas, bibliotecas, que você sabe que terá fila, é mais vazio e mais calmo. Se sua intenção for o *Louvre*, vá cedo, não somente pela fila em si, mas pelo tamanho extra-ultra-maxi-exageradamente grande do museu; um dia só é pouco para

conhecer tudo. Pegue o mapa na entrada, escolha bem o que mais te interessa, lembre-se de que o *Louvre* é muito mais do que só a *Monalisa*. Vá de tênis, leve água e aproveite sem pressa.

O bom mesmo é andar pela cidade e descobrir lugares fora da rota turística. Uma vez descobri uma creperia em *Le Marais* que nunca mais achei, ficou na memória. Descobrir lojinhas, cafés, praças, vistas, lugares que você se recordará sempre sendo como uma memória sua e de mais ninguém.

Sobre viagens, já fui cinco vezes à Cidade Luz. Talvez quando você ler esse livro, eu já tenha ido uma sexta vez, ou sétima. A primeira vez que fui, em 2015, foi um encantamento. Foi mágico, nem preciso dizer que chorei quando vi a Torre Eiffel e o *Café des Deux Moulins*, o café cenário do filme *Le Fabuleux Destin d'Amélie Poulain*[3] (se você nunca assistiu, recomendo fortemente). Em 2017 fui duas vezes, uma para comemorar meu aniversário de trinta e cinco anos, e, meses depois, passei uns dois dias na cidade, vinda de Londres (onde fui fazer observações para o pós-doutorado). Em outros anos, sempre que viajei para aqueles lados, tentei fazer o possível de ir respirar ares parisienses.

E em todas as vezes, voltava motivada para lidar com o cotidiano. Lá, eu não sinto nenhum dos sintomas que me atormentam em minhas crises. Lá, meu rosto, meu sorriso, ficam leves. Posso provar por fotos de antes e depois de ir. Há pouco tempo, uma amiga me disse que eu precisava ir à Paris de novo, para respirar, o que me faz lembrar da frase: "*Respirer Paris, cela conserve l'âme*[4]".

Consigo caminhar pela cidade a esmo, muitas vezes sem me perder. Deve ser de tanto analisar os mapas da cidade. Já fui em todas as estações do ano para lá, a minha favorita são o outono ou a primavera. O clima agradável, menos turistas, menos filas. É mais fácil de sentar no salão de chá do *Angelina* na *Rua de Rivoli* e tomar

[3] O fabuloso destino de Amélie Poulain, 2001, de Jean-Pierre Jeunet.

[4] "Respirar Paris, conversa a alma". Frase dita por Victor Hugo em Os Miseráveis.

chocolate quente com croissant. O lugar tem mais de 120 anos de puro charme!



Foto do acervo da autora

Assim como conseguir mais facilmente entrar em *Notre-Dame* para apreciar o lugar e se sentir abraçada pela paz da catedral. Sugiro ir, alguns quarteirões perto da referida catedral, na *Sainte-Chapelle*, tente não abrir a boca de espanto ao ver o espetáculo dos vitrais; se for em dia de sol então... bah! Lindo demais.

O verão em Paris é verão mesmo, nada de casacos pesados, entre junho a agosto, é alta temporada de turistas, a cidade costuma ficar bem cheia. Calor ótimo para sorvetes de limão no *Jardin des Tuileries*. O inverno é lindo também, mas cuide do horário, amanhece mais tarde, e anoitece bem cedo, nada que atrapalhe passeios lindos, cafés, chocolates quentes e ventos gelados pela cidade. Não esqueça o cachecol e as luvas!

Embora eu diga que devo ter sido moradora de lá em alguma vida, gosto muitíssimo de sentar e ficar horas e horas na internet à volta de mapas, sites e outras fontes, traçando roteiros para possíveis viagens à Paris. Ver, conversar, indicar, mostrar, escrever

sobre ela é uma coisa que me anima; diria que este é um hiperfoco em que o assunto fica em um constante *stand by*, se mantém vivo, pulsante, um hiperfoco sem prazo de validade, afinal, "*Paris is always a good idea*."[5]



Foto da autora, 31 de dezembro de 2025

Um hiperfoco acolhedor: livros

Depois que fiquei surda, aos onze anos, os livros passaram a ser um caminho certo, fiel e agradável. Eu sentia necessidade de ter livros, ler livros. Eu pedia livros de presente; as pessoas me davam livros em qualquer momento. Eu não podia ver uma livraria ou biblioteca que queria entrar. Hoje penso que seria como um oásis no meio da vida real. Ainda é. Acolhimento, lembra?

Como disse acima, era e sou capaz de me enfiar, embora não literalmente, em um livro e só sair deste abraço quando fecho a

[5] A frase "Paris é sempre uma boa ideia" não foi dita por Audrey Hepburn. A famosa frase associada a esta atriz, não aparece no filme *Sabrina* em seu original de 1954, estrelado por Audrey, mas sim no remake de 1995, estrelado por Julia Ormond, perto do final do filme. (Kerper, s/d)

última página. Além de, depois de ler, pesquisar sobre a obra, o autor, algo que acontece na narrativa ou ainda outro livro do mesmo autor. Recentemente percebi meu foco em livros sobre livros ou livros em que a livraria ou biblioteca seja cenário ou personagem da narrativa. Eu adoro, tanto que semana passada devorei uns quatro livros nesta temática.

Livros são ambientes seguros. Enquanto estou lendo o mundo exterior não me interessa, minha ansiedade não aparece, meus medos se escondem. Crio um mundo novo como observadora do que leio e por lá fico, é tão bom… por isso não sinto o tempo passar. O problema, ou não, é que leio rápido. Haja livro para ler. Este ano comprei um Kindle[6], para facilitar a leitura em todo lugar, muito mais leve e prático. O engraçado é que eu fico tão mergulhada na leitura que me pego tentando virar a página do livro, no Kindle, de forma convencional.

Poderia colocar um pequeno à parte neste tópico, sobre escrever. Para mim, escrever significa desabafo, acolhimento, compartilhar, sentir, caminhar… é muito mais do que pôr em palavras o que se pensa ou o que se sente. Quando eu começo a escrever, de forma livre, sem a necessidade do rigor científico de artigos acadêmicos ou teses, minha escrita flui. Posso ficar por horas sentada no computador escrevendo ou com papel e caneta.

Eu me desligo do mundo externo quando escrevo, por isso, se eu estiver fora de casa, em algum café, por exemplo, me deixo, no máximo, escrever uma crônica. É um acordo comigo mesma, para que eu não perca tanto a noção do tempo. Se eu estiver em casa, não me incomodo com isso, continuo escrevendo até cansar ou a luz acabar. Desta forma, observo que o ato de escrever passa a tomar foco quando a escrita vira algo tão prazeroso quanto a leitura. E eu mergulho, bem fundo, e só retorno à superfície quando todas as palavras foram ditas, ops, escritas.

---

[6] Kindle: é um leitor de livros digitais fabricado pela Amazon, projetado para a leitura de e-books em uma tela e-ink que imita o papel, proporcionando conforto visual.

Um pequeno à parte hiperfoco: café e cafeterias

Não sei se posso considerar o tema acima como hiperfoco. Pode ser que teoricamente não, mas o que posso dizer é que, pensando no que disse sobre acolhimento, uma cafeteira entra nesse grupo. Como assim? Quando fui diagnosticada com depressão, ansiedade e o combo todo, eu não queria sair de casa. Não conseguia. A psicóloga, a psiquiatra e o terapeuta, me diziam a mesma coisa: procure um lugar que te faça sentir bem, segura e vá.

Foi assim que comecei a ir às cafeteiras. No começo eu ia sempre a mesma, a cafeteria que existia dentro da livraria Cultura, que hoje não existe mais. Tanto que quando tal livraria faliu e o café fechou, eu me senti abandonada. Migrei pro café em frente a ela, tanto que estou aqui sentada terminando meu café e escrevendo este texto. Um detalhe, eu só sento pra tomar café aqui quando está a garçonete a que me acostumei, uma querida.




Fotos do acervo da autora. Cafeterias em Porto Alegre - RS

Diante do que contei, compreendo que busco cafeterias como forma de me sentir protegida. Foi em uma delas que comecei a escrever meus desabafos, minhas crônicas e demais textos. Não vou especificamente ou somente pelo café, embora eu adore um

espresso, mas sim pela sensação de segurança. Sim, espresso, o termo original em italiano do método de preparo, do café, sob pressão. Grafia adotada por cafeterias e demais locais para designar tal método. Nada contra escrever a grafia aportuguesada: expresso.

Algum tempo atrás, fiz curso de barista iniciante, aprendi mais sobre cafés, métodos de preparo, uma base sobre a torra do grão do café, como fazer um bom espresso… gostei bastante, queria continuar, quem sabe um dia. Esse pequeno aprendizado, me fez perceber muitas diferenças as variedades, grãos, moagem e métodos do café. Passei a perceber que nem toda cafeteria sabe sobre a arte do café e sua magia, passei a perceber diferenças.

Conheço várias cafeterias, algumas eu volto sempre, outras não. Tudo influência: local, espaço, funcionários, cheiro, temperatura do café, o sabor do espresso… tem lugares em que você se aconchega e relaxa, tem lugares que não te dão essa sensação. Lugares para degustar o tempo, o café e a própria presença.

Passei a adorar descobrir cafeterias, conheço várias em Porto Alegre e em outros lugares. Posso indicar cafeterias para as pessoas (levando em conta quem é, o que quer, local…), e onde encontrar, o melhor pão de queijo da cidade ou a melhor cheesecake. E, é claro, os melhores espressos. Curioso? Pergunte-me onde.

De hiperfoco a hiperfoco…

Segundo o ditado, de grão em grão a galinha enche o papo. Será que de hiperfoco em hiperfoco, o autista consegue o que? Mais foco? Fadiga mental? Um conhecimento específico sobre algo? Uma concentração tão intensa que pode chegar a um transe? Não sei. Só sei como me sinto.

Escrevendo este texto, observei algumas coisas em mim. Uma, algumas tattoos movidas por hiperfocos. O que me gerou risadas, quando me dei conta. Duas, o quanto eu me entrego por completo a algo que eu esteja focando. Em alguns momentos, quando me dou conta que estou há muito tempo fazendo alguma coisa específica, parece que acordo, percebo em volta e me sinto cansada. Muita

bateria gasta para naquela ação. Embora, por vezes, seja tão automático que tais sensações demoram a serem percebidas. Quando estou empolgada fazendo algo, não percebo que preciso fazer outra coisa.

Me controlei para não encher esse texto de fotos de cafeterias, cupcakes, Paris... são pastas e pastas de recordações fotográficas de cada viagem para esta cidade encantada e de outros assuntos aqui citados.

Sobre o título deste texto: me disseram semana passada: "Você está faz horas sentada aí, queimando neurônios[7] para fazer esse roteiro de férias…". Eu realmente não tinha me dado conta do horário, não tinha feito o jantar, nem comido, nem dado comida para os gatos… risadas. Levantei, fiz tudo o que não tinha feito e voltei para o computador. Já me disseram que quando eu enfio algo na cabeça, ninguém tira. Não deixa de ser verdade. Até porque não é foco, é hiperfoco.

Referências

ASHINOFF, B.K., ABU-AKEL, A. Hyperfocus: the forgotten frontier of attention. *Psychological Research* 85, 1–19 (2021). Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7851038/. Acesso: out 2025.

KERPER, B. "Paris is always a good idea." - Audrey Hepburn (*not!*). In: The Collected Traveler. Disponível em: https://thecollectedtraveler.blogspot.com/2014/07/paris-is-always-good-idea.html. Acesso: out 2025

[7] Queimar neurônios: fadiga mental.

Emiliana Faria Rosa

Parisiense em alguma outra vida. Escritora, poeta, pesquisadora, professora, mãe de gato, viajante, sonhadora e degustadora de cafés. Surda que ouve pelas estrelinhas, estrelinhas e pelos olhos. Participante efetiva do clube de sentar em algum lugar e degustar um café para escrever e ver "a banda passar" ou ver as modas (como diria minha avó). E quem mais gosta de sentar e tomar um café vendo a vida acontecer? Parisienses, claro!

Dados, planilhas, mapas

Ian Alexander

Eu gosto de mexer com conjuntos de dados visualmente, para poder enxergar relações, padrões, sequências históricas e arranjos geográficos. Já que nasci em Sydney e moro faz décadas em Porto Alegre, estou sempre negociando a própria organização do mundo conforme esses dois polos, inclusive no próprio mapa do mundo. Para mim, a América tradicionalmente fica à direita, ao leste do Pacífico; para a maior parte dos meus interlocutores, fica à esquerda, ao oeste do Atlântico. Já que eu trabalho com tradução e com literatura, essa experiência de negociar visões do mundo faz parte da minha prática de pesquisa e de ensino. Muitas vezes, quando estou no computador, organizando um conjunto de dados numa planilha ou construindo mapas para poder enxergar as minhas conclusões, seria difícil dizer com firmeza se estou trabalhando ou me divertindo.

Às vezes é bastante evidente que não estou trabalhando. Em 2018, durante a Copa do Mundo da FIFA (atividade que me interessa mais como um conjunto de dados do que como uma prática esportiva), a minha filha estava na pré-escola, onde vi os 32 países participantes representados por suas respectivas bandeiras nacionais. Eu nunca tinha pensado que as bandeiras do Brasil e da Austrália eram especialmente complexas, porque são os únicos países onde já morei, mas daquele conjunto de repente pareciam entre as mais difíceis de desenhar ou pintar. Fiquei imaginando cópias de todas aquelas bandeiras sendo produzidas por milhões de turmas de crianças em escolas ao redor do mundo, e as frustrações muito diferentes das suas professoras e professores. Classificar a complexidade das bandeiras de todos os países do mundo seria demais (em parte porque eu teria que definir critérios

para a inclusão da Palestina, de Taiwan e do Saara Ocidental), mas 32 me parecia um número plausível. Nesse caso, usei o software Paint Dot Net para organizar as bandeiras numa figura conforme a minha impressão da sua complexidade, e postei o resultado no Facebook, com um pequeno texto explicando o meu raciocínio, como se fosse uma pesquisa *de verdade*.

Classificação das bandeiras nacionais conforme a sua complexidade

Metodologia

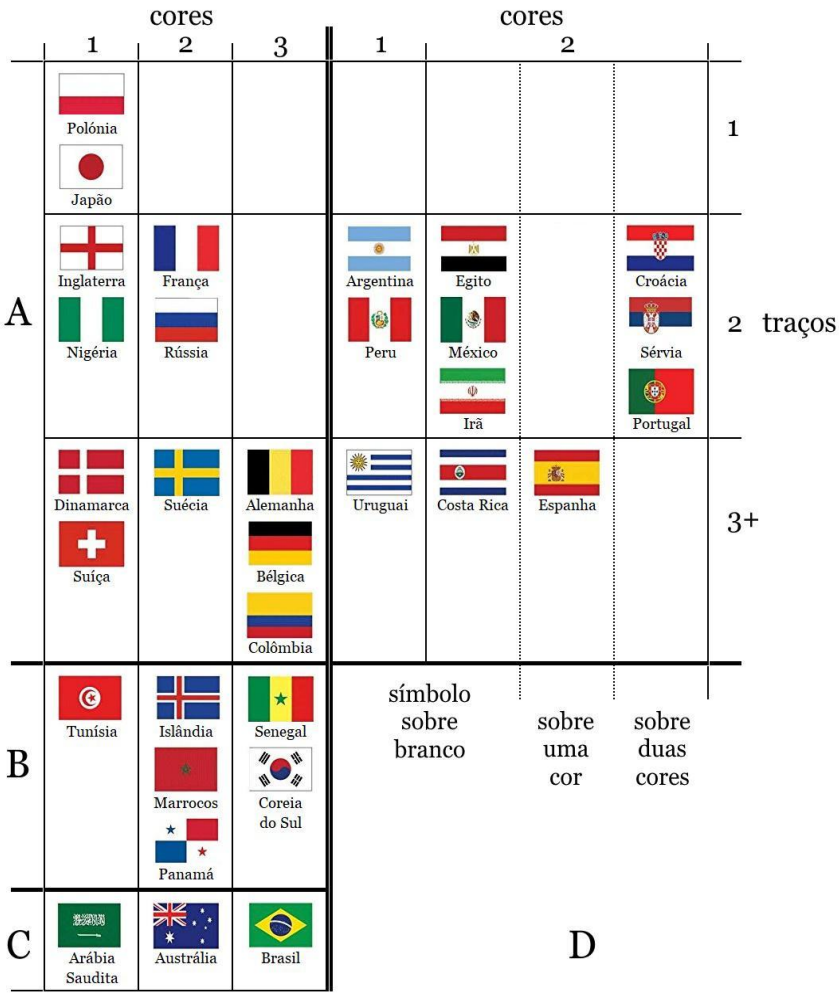
O corpus escolhido são os 32 países que concorrem na Copa do Mundo de 2018. A metodologia utilizada é a de imaginar um(a) professor(a) do ensino fundamental que precisa auxiliar os alunos na confecção de um fac-símile razoável da sua bandeira nacional, usando folha branca A4, tinta e pincel. Os critérios de complexidade adotados são: 1. número de cores utilizadas; 2. número de traços necessários; 3. necessidade de pintar sobre um fundo previamente pintado; 4. necessidade de deixar áreas complexas em branco; 5. presença de um símbolo de tal complexidade que precisa ser simplificado.

Resultados

Doze bandeiras (classe A) podem ser definidas como sendo de complexidade baixa, envolvendo apenas um número restrito de áreas retangulares ou, no caso do Japão, um círculo. Seis bandeiras (classe B) são de complexidade média, envolvendo estrelas, a necessidade de pintar uma cor sobre outra, uma margem fina deixada em branco entre áreas pintadas em azul e vermelho, no caso da Islândia, e a forma yin-yang, no caso da Coreia do Sul. Três bandeiras (classe C) são de alta complexidade, envolvendo estrelas e outras formas complexas deixadas em branco sobre um fundo escuro, ou repintadas em branco sobre tal fundo. As últimas onze

bandeiras (classe D) são de complexidade ambígua. As formas básicas são tão simples quanto aquelas da classe A, mas os símbolos sobrepostos são de complexidade tão alta que só podem ser reproduzidos – não apenas por alunos do ensino fundamental, mas por qualquer amador – de maneira simplificada. Figura 1 mostra esses agrupamentos.

Figura 1: Bandeiras de 32 países na copa FIFA de 2018



Fonte: Autor (2026)

Conclusões

1. Que os únicos dois países onde eu morei têm bandeiras bastante complexas para alunos do ensino fundamental. Deve ser muito menos frustrante ser criança (ou professor(a)) nas aulas de pintar bandeira na Polônia e na Nigéria.

2. Que o número de cores é de pouca importância, já que a bandeira da Arábia Saudita (verde e branco) é enormemente mais complexa do que as bandeiras da Colômbia, da Bélgica e da Alemanha (três cores).

3. Que as bandeiras com símbolos altamente complexos se concentram na faixa perso-ibérica (Irã, Egito, Croácia, Sérvia, Espanha, Portugal) e na América Ibérica (México, Costa Rica, Peru, Uruguai, Argentina).

4. Que seria muito interessante saber como os professores do ensino fundamental desses países lidam com a complexidade dos símbolos.

5. Que tá na hora de estender a roupa.

Eu sei que passar tanto tempo (e foram várias horas) me divertindo com dados desse jeito não é tão comum, mas fazer pesquisa de qualquer tipo já não é uma atividade para todo mundo. Um dos motivos para postar algo assim numa rede social é porque acho realmente interessantes as perspectivas que descubro, e talvez um número pequeno de outras pessoas também possam achar. Outro motivo é que, se eu não postar, não vou parar de mexer. A publicação é uma maneira de pôr fim a uma atividade que já rendeu o que tem para render.

Planilhas

O exemplo das bandeiras é um caso raro de analisar objetos que já são essencialmente visuais; geralmente, a matéria prima são os dados, não imagens. Montei a minha primeira planilha em 1990, usando o antigo Microsoft Works, para organizar os dados de composição, arranjo, gravação e lançamento das músicas que eu

tocava numa banda. Desde 1996, mantenho uma planilha (em Excel) dos livros que leio. Foi na época do mestrado (2004-05) que comecei a usar planilhas para cruzar dados de literatura e de geopolítica.

Em 2014, eu estava preparando um artigo sobre aspectos da vida e obra dos romancistas Júlio Cortázar (argentino, 1914–1984) e Patrick White (australiano, 1912–1990). No romance *Rayuela*, reconheci o nome *Fangio* como sendo Juan Manuel Fangio, piloto argentino de Fórmula 1, campeão na década de 1950. Na verdade, Fórmula 1 é outra atividade que não me interessa muito, e que não acompanho desde os anos 70, mas achei sua presença no texto intrigante, principalmente porque White jamais faria qualquer referência na sua ficção a Jack Brabham, piloto australiano, também campeão na década de 1950. Para os fins daquele artigo, eu não precisava saber de nada além desses poucos dados, mas eu não tinha certeza se o primeiro título de Brabham foi realmente em 1959 ou em 1960. Na Wikipédia, encontrei a confirmação que eu precisava: Fangio foi campeão cinco vezes entre 1951 e 1957; e Brabham, três vezes entre 1959 e 1966. Mas também encontrei muitos outros dados interessantes.

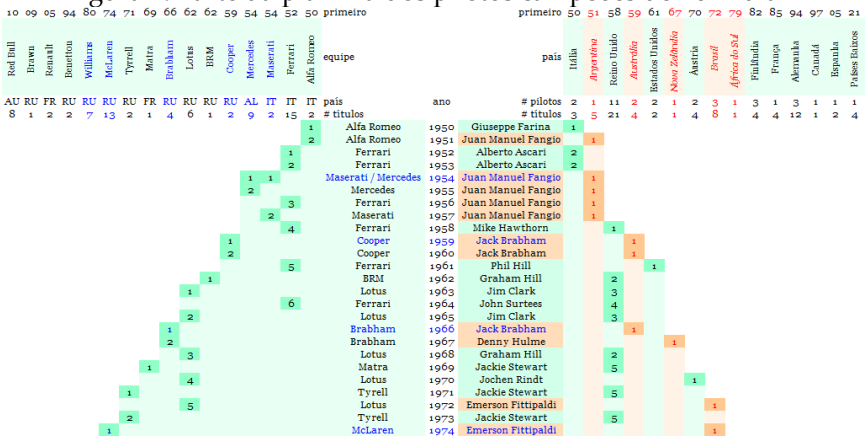
A página *Lista de campeões da Fórmula 1* na Wikipédia oferece uma tabela com doze colunas: ano, piloto, equipe, motor, pneu, e outros sete com detalhes das corridas e das pontuações; ao lado de cada nome de piloto, equipe e motor, tem uma bandeira. A tabela é clicável e pode ser ordenada conforme qualquer uma das colunas, mas não conforme os países representados pelas bandeiras. Já que eu tinha começado com um argentino e um australiano, e já que moro no Brasil, parecia interessante poder saber qual é realmente a participação desses (e outros) países do hemisfério Sul num esporte dominado pela Europa. Então eu fiz uma planilha. Tirei as colunas que não me interessaram (os detalhes do motor, dos pneus, das voltas mais rápidas, dos pontos...), acrescentei colunas para a nacionalidade do piloto e da equipe, e comecei a organizar os dados espacialmente para ver se tinham segredos para revelar.

A princípio, um arranjo visualmente bonito de uma planilha também é um arranjo que revela algo sobre o conjunto de dados.

Gosto de reorganizar a apresentação dos dados até chegar num arranjo elegante. Gosto de usar o espaço e as cores para poder enxergar as relações dentro dos dados. Gosto de poder olhar o resultado e narrar as conclusões para mim mesmo, como se eu fosse ao mesmo tempo professor e aluno. Às vezes não encontro nada de muito interessante. Muitas vezes continuo mexendo até encontrar coisas que eu não teria imaginado, e que eu certamente não estava procurando.

Com a lista de campeões de Fórmula 1, então, coloquei a sequência de anos dos títulos numa coluna central, com a lista de pilotos campeões numa coluna, à direita, e as equipes em outra, à esquerda: ano 1950, piloto Giuseppe Farina, equipe Alfa Romeo. Próxima linha: ano 1951, piloto Juan Manuel Fangio, equipe novamente Alfa Romeo. Acrescentei outra coluna mais à esquerda para representar os títulos da equipe, com "Alfa Romeo" escrito na vertical na linha superior da planilha, e "1" e "2" ao lado dos dois anos vitoriosos. À direita, fiz a mesma coisa com os pilotos, mas são 34 (eram 32 em 2014), e não cabiam na tela, então mudei para uma coluna por nacionalidade dos pilotos. Com cada nova linha, eu acrescentava ou uma nova coluna, ou um novo número numa coluna já existente. Em 1952, uma nova coluna à esquerda para a equipe Ferrari, e um "2" na coluna "Itália" para o segundo (e último) vencedor italiano, Alberto Ascari. E assim por diante, novas colunas e novos números, formando uma pirâmide que, com o título de 2025, está com 16 equipes e 15 nacionalidades de pilotos. Figura 2 mostra parte da planilha no seu estado atual.

Figura 2: Parte da planilha dos pilotos campeões de Fórmula 1



Fonte: Autor (2026)

Depois de organizar os dados assim, cronologicamente, comecei a usar cores diferentes para marcar as colunas de pilotos do hemisfério Sul (Argentina, Austrália, Nova Zelândia...) e do Norte (Itália, Reino Unido, EUA...). Quando o arranjo de cores parecia criar apenas confusão, era hora de copiar os dados para uma nova planilha e agrupar as colunas; a tabela puramente cronológica continuava lá, mas eu também podia descobrir o que aparecia quando enxergava blocos de pilotos do Sul e do Norte, ou pilotos de países de língua latina e germânica. É diferente imaginar Jack Brabham como o segundo campeão do hemisfério Sul, depois de Fangio, ou como o segundo campeão de língua inglesa, depois do britânico Mike Hawthorn. Assim, chegaram a 7 planilhas, mostrando arranjos diferentes do conjunto de dados, ou de vários subconjuntos.

Posso passar horas mexendo com dados assim e com sua organização visual, e acabo descobrindo coisas muito interessantes, mas que dificilmente vou usar ou mesmo comunicar para alguém em circunstâncias normais. Certamente não entraram no artigo sobre Cortázar e White. Posso afirmar, por exemplo, que em termos do sucesso de pilotos do hemisfério Sul, os 76 anos de Fórmula 1 se dividem em quatro fases.

● Na primeira (11 anos, de 1950 a 1960), foram 7 vitórias do Sul (5 de Fangio e 2 de Brabham) contra apenas 4 do Norte.

● A segunda (18 anos, de 1961 a 1978) foi de dominação britânica: 9 títulos, de 5 pilotos diferentes, contra apenas 4 de pilotos de todo o hemisfério Sul (Brabham, o neozelandês Denny Hulme e 2 do brasileiro Emerson Fittipaldi). Os outros 5 foram de 2 pilotos estadunidenses e 2 austríacos.

● Na terceira fase (13 anos, de 1979 a 1991), o pêndulo voltou ao Sul, com 8 vitórias de 4 pilotos de 3 continentes: o sul-africano Jody Scheckter, o australiano Alan Jones, e os brasileiros Nelson Piquet e Ayrton Senna.

● Na quarta fase (até agora 34 anos, de 1992 a 2025), todos os pilotos campeões são de países do hemisfério Norte: Alemanha (12 títulos), Reino Unido (11), Países Baixos (4), Finlândia (3), Espanha (2), França (1) e Canadá (1).

Acho interessante que a Alemanha não produziu nenhum campeão durante a Guerra Fria, mas se tornou o país mais bem-sucedido depois da reunificação. Também acho interessante que, desde o colapso da União Soviética, todos os campeonatos de Fórmula 1 foram vencidos por pilotos de países que fazem parte da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Ainda não sei em qual contexto essas informações podem chegar a ser significativas.

Acho intrigante que, entre 1950 e 1980, 6 equipes ganharam seu primeiro título com pilotos do Norte, e outras 6 (marcados com letra azul na planilha), com pilotos do Sul: Maserati e Mercedes com Fangio; Cooper e Brabham com Brabham; McLaren com Fittipaldi; Williams com Jones. Também acho intrigante que, desde 1962, quando Jack Brabham começou a competir em carros da sua própria manufatura, 8 dos 12 títulos de pilotos do Sul foram conquistados com equipes também fundadas por pilotos do Sul: 4 com Brabham (Brabham, Hulme e 2 de Piquet), e 4 com McLaren, fundada pelo neozelandês Bruce McLaren (1 de Fittipaldi e os 3 de Senna). Coincidência? Não sei, mas os dados estão lá.

Será que o campeonato foi mais empolgante nos 7 anos de 1976 a 1982, quando foi vencido por 7 pilotos de 7 países diferentes (Reino Unido, Áustria, Estados Unidos, África do Sul, Austrália, Brasil e Finlândia), ou nos 11 anos de 2010 a 2020, quando foram apenas 3 vencedores no total, e de apenas 2 países? Não sei. Acho os dados fascinantes, mas não as corridas.

Essa investigação da Fórmula 1 começou com algo relacionado ao meu trabalho de maneira bastante tangencial, e logo virou outra coisa. Em outros casos, a manipulação de dados em planilhas é o próprio núcleo da pesquisa, e as habilidades que uso para chegar a conclusões inúteis sobre pilotos do hemisfério Sul são as mesmas que uso para chegar a conclusões que se transformam em artigos publicados.

Mapas

Geralmente, não mostro as minhas planilhas para ninguém; reconheço a sua elegância porque conheço os contornos dos dados e lembro dos percursos que segui para chegar àquelas formas, mas não são objetos estéticos. Para poder comunicar uma planilha, preciso transformá-la ou em narrativa, ou em mapa. Não tem muita vantagem em mapear os dados do Fórmula 1, em parte porque é relativamente fácil visualizar o conjunto (a forte concentração na Europa, os poucos títulos da América do Norte, os cinco países na mesma faixa de latitudes no hemisfério Sul), mas, principalmente, porque não faz muito sentido pintar uma área do tamanho da Argentina ou do Canadá para representar o sucesso de um único piloto. Outros conjuntos de dados se oferecem mais para a construção de mapas, ou de sequências históricas de mapas: mapas de quais países dirigem na mão inglesa e quais na mão francesa, por exemplo, ou quais países usam determinados padrões de tomada elétrica, ou quais países têm bases militares estadunidenses.

Para construir mapas desse tipo, primeiro tenho que decidir qual projeção vou usar como base, conforme as informações que

quero apresentar e as áreas que precisam de mais destaque. Se for para mostrar o mundo todo (ou quase todo, geralmente excluindo as regiões polares), prefiro uma projeção cilíndrica, porque os meridianos aparecem como linhas retas, e posso dividir o mapa onde eu quiser. O mais intuitivo para mim é colocar a Austrália na posição central, no meio do grande oceano Indo-Pacífico, e dividir o mapa no eixo essencialmente vertical do Atlântico. (É essa a organização que usei para o mapa da expansão imperial dos Estados Unidos, que começou na costa leste da América do Norte e seguiu ao oeste, conquistando primeiro a faixa do continente até o Pacífico, e depois uma série de outras terras daquele oceano, como Alaska, Havaí, Samoa e Filipinas.) Às vezes os continentes dos dois lados do Atlântico precisam aparecer juntos, e se torna necessário dividir o mapa no meio de um dos continentes de maior extensão latitudinal, a Ásia ou a Oceania. Para essas funções geralmente acabo usando como base mapas gerados no site Map Chart.

A outra opção é uma projeção circular, centrada num ponto específico, escolhido como foco. Nesse caso, as possibilidades são duas. Uma projeção ortográfica é como olhar o planeta do espaço: o limite circular é um horizonte, e só se vê o lado mais perto do centro escolhido. O Google Earth oferece esse tipo de perspectiva, e pode ser manipulado facilmente para encontrar a visualização mais adequada, acrescentando e ocultando vários tipos de marcação, e mudando a localização exata do centro e a altura virtual da imagem. A imagem é composta de fotos de satélite, e mostra os detalhes da geografia física; é bonita de ver na tela do computador, mas não comunica muito bem de forma impressa, nem projetada na sala de aula.

A outra possibilidade são os sites WM7D e NS6T, que geram mapas de projeção azimutal equidistante: a partir do centro escolhido, o mapa mostra o planeta inteiro, como se desdobrando e esticando o que seria o lado escondido da esfera. Quanto mais longe do centro, mais distorcidas ficam as formas das terras e dos mares, até o ponto antipodal do centro, que se transforma no limite circular do mapa. Além das coordenadas para o centro, o usuário

especifica se quer ou não alguns detalhes, como as fronteiras nacionais e subnacionais, mas o mapa que é gerado é apenas de linhas pretas, sem a possibilidade de visualizar montanhas, florestas, desertos e áreas urbanas. Foi assim que fiz o mapa de países que andam na mão inglesa, centrado no sudoeste da Austrália para equilibrar os países do leste da África e do sul da Ásia ao oeste, a Indonésia e o Japão ao norte, e toda a Oceania ao leste, com a exceção das ilhas de colonização francesa e estadunidense.

Usei Google Earth para fazer um par de mapas para comparar a ideia de *país vizinho* na Austrália e no Brasil, o que levou um total de umas oito horas em três dias. Diferente do mapa dos países que usam a mão inglesa, que dependia apenas de encontrar a melhor maneira de apresentar um conjunto de dados que já existia, a tarefa, neste caso, era de manipular o efeito visual do mapa para descobrir um conjunto de relações que eu ainda não conhecia. O que acontece se coloco o centro um pouco mais para o leste? O que acontece se aumento o raio deste círculo? Qual é a melhor maneira de expressar em palavras aquilo que enxergo no mapa?

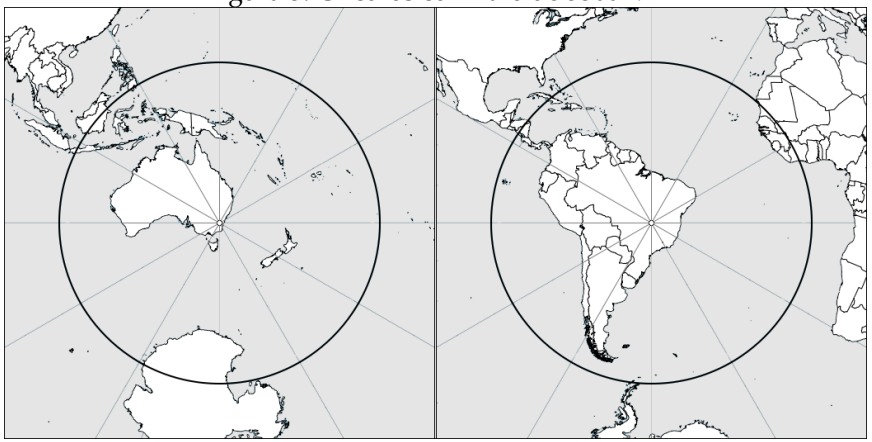
Descobri que um círculo com raio de 5300 km e centro em Canberra contém as capitais de 16 outros países. Em ordem de distância, são Wellington (Nova Zelândia), Porto Vila (Vanuatu), Porto Moresby (Papua Nova Guiné), Honiara (Ilhas Salomão), Suva (Fiji), Nukualofa (Tonga), Díli (Timor-Leste), Funafuti (Tuvalu), Iarém (Nauru), Alofi (Niue), Apia (Samoa), Taraua (Quiribati), Paliquir (Estados Federados da Micronésia), Ngerulmud (Palau), Avarua (Ilhas Cook) e Majuro (Ilhas Marshall).

O mesmo círculo também contém quatro territórios: Nova Caledónia (francês), Wallis e Futuna (francês), Samoa Americana (estadunidense) e Toquelau (neozelandês). Esses vinte países e territórios têm uma população de menos de 20 milhões de pessoas; junto com a própria Austrália, o total ainda não chega a 50 milhões. Outros quatro territórios da Oceania ficam além do círculo: Polinésia Francesa (francês), Guam, as Ilhas Marianas Setentrionais e Havai (todos estadunidenses).

Também além do círculo ficam as capitais dos países asiáticos: Jacarta (Indonésia), Bandar Seri Begauã (Brunei), Singapura, Manila (Filipinas) e Kuala Lumpur (Malásia), a primeira na massa continental da Ásia, a uma distância de 6520 km. Esses países e territórios – além de outros ainda mais distantes, como o Japão, a China e a Índia – muitas vezes são tratados como os *vizinhos* da Austrália.

Um círculo com o mesmo raio de 5300 km, mas centrado em Brasília, contém as capitais de 33 países e 11 territórios: toda a América do Sul, metade da América Central, a maior parte do Caribe, mais oito países africanos. Mesmo assim, Nicarágua, Haiti e Senegal geralmente não são tratados como sendo exatamente *vizinhos* do Brasil. Junto com o Brasil, esses países têm uma população total de mais de meio bilhão de pessoas. Os 7370 km de Canberra até Hong Kong levariam da Praça dos Três Poderes até Lisboa, Ottawa ou a Cidade do Cabo. Figura 3 é uma representação simplificada dos resultados, usando mapas gerados no NS6T.

Figura 3: Círculos com raio de 5300 km



Fonte: Autor (2026)

Muitas vezes, quando fico horas brincando com dados e mapas, a pergunta latente é algo como *qual é a perspectiva que tenho na minha cabeça como* NORMAL *e que vou descobrir não ser tão normal*

assim quando analiso esses dados? ou *qual é a perspectiva que me parece* ESQUISITA *e que vou descobrir que faz todo o sentido quando me coloco no ângulo certo?* Além deste artigo, não tenho nenhum uso em mente para essas informações, mas de certa forma já vão estar na minha mente cada vez que ouço o termo *país vizinho*. Viver como imigrante sempre envolve embates entre conceitos diferentes de normalidade, e trabalhar com literatura, cultura e tradução de certa forma profissionaliza esses embates, então sempre é bom ir reconhecendo outras maneiras de enxergar o mundo, outras maneiras de desconfiar das minhas expectativas automáticas. Agora, vou poder lembrar que a Austrália fica *perto da China* no mesmo sentido em que o Brasil fica *perto da Nigéria*.

Ficção

Quando aplico esses métodos mais ou menos diretamente ao meu trabalho – à leitura e tradução de obras de ficção – também preciso reconhecer que não é sempre assim que as pessoas estudam livros. Foi na primeira década do século XXI – antes de termos todas as informações no mundo disponíveis no celular – que comecei a entender que a minha relação com os dados e com a sua representação visual não era compartilhada por todos os pesquisadores de literatura. Numa aula sobre Jorge Luis Borges, numa disciplina do meu doutorado, fui verificar a localização da Avenida Rivadavia, citada no conto "El Sur"; os colegas da turma ficaram surpresos que eu tinha achado relevante levar comigo um livro de mapas da cidade de Buenos Aires.

Quando comecei a estudar as literaturas da África, do Caribe e da Oceania, tive que organizar dezenas de países e territórios na minha cabeça, usando planilhas e mapas para organizar as informações de população, área, clima, vegetação, moeda, forma de governo, as sequências do povoamento inicial, as datas principais dos processos de colonização europeia e de descolonização, proporções étnicas da população atual, famílias linguísticas, data de independência, principais esportes, envolvimento em

organizações internacionais, e assim por diante. Montei mapas para comparar a área dos países na África com os estados brasileiros, as latitudes das ilhas da Oceania com a costa brasileira, o tamanho das ilhas do Caribe com a Ilha de Santa Catarina.

Também uso mapas para entender obras específicas. Quando um autor cita nomes de ruas ou de bairros, procuro a localização no mapa online Open Street Map, calculo distâncias com Google Earth, examino imagens dos lugares com Google Street View. Várias obras localizam eventos cruciais em locais que são fictícios, mas que existem em relação a outros lugares reais. No romance *Where we once belonged*, de Sia Figiel, consegui juntar informações ao longo do texto e elaborar o meu próprio mapa para determinar mais ou menos onde eu deveria imaginar a moradia da protagonista em Apia, capital de Samoa.

Para poder traduzir o romance *Girlcott*, de Florenz Webbe Maxwell, ambientado nas Bermudas, na década de 1950, organizei uma planilha com todos os nomes dos lugares mencionados e usei Google Street View para decidir que *Victoria Park* tem mais cara de praça que de parque, e que *Juniper Road* é uma rua, mas que *North Shore Road* é uma estrada. Também usei mapas históricos e Google Street View para entender a descrição do desnível entre duas vias, e assim poder tornar a relação espacial compreensível na tradução.

No romance *Panthers and the Museum of Fire*, de Jen Craig, a protagonista pensa e monologa ao longo de uma caminhada que atravessa bairros de Sydney que eu conheço bastante bem. Nesse caso, mapeei o trajeto e calculei as distâncias usando Google Earth, e criei um mapa de uma caminhada comparável em Porto Alegre, usando o meu conhecimento local para imaginar paralelos físicos e sociais entre ruas, bairros, avenidas e cruzamentos.

Última coisa

Acabei escrevendo este artigo como se eu estivesse apenas descrevendo atividades de hiperfoco já acontecidas, mas a verdade é que reorganizei a tabela das bandeiras, atualizei a planilha dos

pilotos de Fórmula 1 e cheguei a novas conclusões, e fiz os mapas dos países vizinhos do zero, porque eu estava achando difícil descrever o processo da outra atividade que eu tinha escolhido. Não sei se este artigo vai ser interessante para algum leitor, mas foi útil para mim, porque me ajudou a manter uma sensação de ordem durante um período quando a casa estava em obras.

Referências

Ferramentas

Google Earth. Disponível em: https://www.google.com/earth/about/versions/#earth-pro. Acesso em: 18 fev. 2026.

Map Chart. Disponível em: https://www.mapchart.net/. Acesso em: 18 fev. 2026.

NS6T: Request an azimuthal map. Disponível em: https://ns6t.net/azimuth/azimuth.html. Acesso em: 18 fev. 2026.

Open Street Map. Disponível em: https://www.openstreetmap.org/. Acesso em: 18 fev. 2026.

Paint Dot Net. Disponível em: https://www.getpaint.net/download.html. Acesso em: 18 fev. 2026.

WM7D: Generate a personalised AZ_PROJ map. Disponível em: https://www.wm7d.net/az_proj/az_html/azproj_form_long.shtml. Acesso em: 18 fev. 2026.

Obras literárias

BORGES, Jorge Luis. El Sur. In: _____. *Obras completas I*. São Paulo: Globo, 1999. p. 584–590.

CRAIG, Jen. *Panthers and the Museum of Fire*. Sydney: Spineless Wonders, 2015.

FIGIEL, Sia. *Where we once belonged*. New York: Kaya Press, 1999.
MAXWELL, Florenz. *Girlcott*. Kingston: Blouse and Skirt Books, 2017.

Ian Alexander
Nasceu em Sydney em 1963. Queria ser músico. Queria ser escritor. Treinou para ser professor de inglês para imigrantes. Mora em Porto Alegre desde 1998. Acabou sendo professor de tradução e de literatura no Instituto de Letras da UFRGS, onde trabalha desde 2012. Gosta de ver e ouvir água em movimento, mas não gosta muito de se molhar. Foi diagnosticado com TEA e TDAH aos 60 anos.

Então o baixo elétrico ressonou em meu cérebro autista

Rafael Antônio Comparsi Laranja

Minha relação com o instrumento musical chamado baixo elétrico, embora tenha se consolidado há poucos anos, já ecoava desde minha infância. Aos 10 anos, tive meu primeiro contato com o disco "*Powerslave*" do *Iron Maiden*, lançado em 1984. Na época, eu cursava a terceira série do ensino fundamental — ainda chamado de ensino primário — e um colega me apresentou o disco de vinil.

O período era complicado: enfrentava muitas interações sociais, bullying e problemas de comportamento e relacionamento, algo bastante evidente por ser um autista com altas habilidades não diagnosticado, com hiperfoco em ciências. Qualquer pergunta sobre vida marinha eu respondia com facilidade, pois havia devorado um livro ilustrado de *Jacques-Yves Cousteau* e era fã dos documentários exibidos na televisão preto e branco de 16 polegadas.

Tinha sérios problemas de concentração em sala de aula, brigava na escola, com minhas irmãs em casa, e até comigo mesmo. Foi nesse contexto que o *Iron Maiden* entrou na minha vida. O som do baixo elétrico, somado ao vocal potente das músicas, me fazia entrar em um estado de hipnose. A capa do disco era um fascínio à parte, e eu passava horas admirando cada detalhe.

Deixando registrado, ***Powerslave*** é o quinto álbum de estúdio da banda de Heavy Metal, *Iron Maiden*, esse álbum foi lançado em 3 de setembro de 1984 e até hoje é um clássico do Heavy Metal, com pelo menos uma música tocada em seus shows. Em 2017, foi eleito o 38º melhor álbum de metal de todos os tempos pela revista *Rolling Stone* em 2017.[1]

[1] Beaujour, Tom (21 de junho de 2017). «100 Greatest Metal Albums of All Time». *Rolling Stone* (em inglês). Wenner Media LLC. Consultado em 21 de janeiro de 2026.

Neste momento, é provável que já tenhas notado que um dos meus hiperfocos é o Metal como gênero musical e o baixo. Além disso, também tenho hiperfoco em livros, quadrinhos, camisetas de Heavy Metal e, claro, sistemas mecânicos, área em que leciono há mais de 20 anos. Porém, tentando me concentrar em apenas um desses hiperfocos — se é que consigo — volto a falar sobre o baixo.

Se você ouve, ou já ouviu, sabe do que vou falar, mas se você não ouviu ainda, selecione uma música desse álbum e irás entender meu amor pelo baixo e pelo Metal.

Cresci em uma família complicada, tenho certeza que minha falecida mãe também era autista. Pois então, cresci ouvindo *Manolo Otelo* e *Julio Iglesias* na infância, embora esse estilo musical não me atraia nem um pouco. Lembro até hoje de com meus 10 anos, colocar a agulha no disco do *Iron Maiden* e ouvir o baixo poderoso ressoando pela casa, foi um choque e um encantamento. O que era aquele som que fazia literalmente o meu peito vibrar? Mais tarde, fui aprender que era o baixo elétrico.

Bem, as décadas passaram, e eu seguia ouvindo, procurando músicas com o som do baixo potente, muitas e muitas vezes como forma de regulação emocional. Encontrei-o em outros gêneros e bandas como *Sly & the Family Stone*, *ABBA*, sim, eu amo *ABBA*, mas também amo *In Flames*, *Black Sabbath* e *Rush* (Geezler Butler e Geddy Lee são minhas inspirações no baixo). Contradição? Não, nenhuma, o baixo potente é comum em todas.

Após receber meu diagnóstico de autismo, aos 50 anos, relembro uma conversa com minha psicóloga. Mais uma vez, compartilhei como a música era uma paixão e, também, um recurso que utilizava tanto para me isolar quanto para me regular. Foi então que ouvi:

"Por que tu não tocas um instrumento?"

Era óbvio, mas foi como se os céus se abrissem e lá de cima descesse uma luz trazendo consigo um baixo elétrico. Minha mente se agitou em um looping incontrolável em que soava:

"Baixo, baixo. Preciso aprender a tocar um baixo, eu preciso de um baixo elétrico."

E foi então que meu hiperfoco nasceu e se consolidou por assim dizer.

Unindo música e instrumento musical.

E então eu comprei um baixo, pesquisei meses por um baixo que fosse bom, bonito e dentro de minhas disposições financeiras, não foi fácil sair do zero. Busquei em fóruns de baixistas, em avaliações da internet, vi horas de vídeos do Youtube e no final escolhi um *Yamaha TRBX 604* na cor *Dark Red Burst*. Só para falar um pouco sobre ele, o *Yamaha TRBX604* é um contrabaixo de 4 cordas. Seu corpo é construído em *Alder* com um acabamento em *Maple Flamed*. O braço, feito de 5 peças de madeira *Mahogany* e *Maple*, com a escala em *Rosewood*. Equipado com um pré-amplificador ativo/passivo e captadores *dual coil HHB5n de Alnico V*, isso faz com que o instrumento tenha um som versátil e potente. É equipado com uma ponte *Diecast cromada*, nut em *Urea* e tarraxas *Diecast* cromadas. Que em resumo se traduz como um bom baixo, ou melhor, muito bom baixo.



Baixo elétrico *Yamaha TRBX604 Dark Red Burst*. Foto pelo próprio autor

Esperei meses para a entrega e quando recebi me encantei, mas também me desesperei. E agora? Preciso aprender a tocar.

Tentei alguns cursos da Internet, mas uma coisa séria aconteceu. Meu ombro doía, minhas articulações da mão doíam e

minha coluna também. Como tenho uma doença autoinflamatória e autoimune, me desesperei. Não sabia como segurar o instrumento confortavelmente, eu estava me machucando. Sem pensar duas vezes decidi que precisava de um professor, e lá foi meu hiperfoco novamente. Vasculhei a Internet por semanas, verificando e procurando um professor ou escola que fosse adequada ao que acabei encontrando.

Aos poucos fui aprendendo a segurar o instrumento, a posicionar o corpo e a fortalecer a musculatura das articulações – obrigado *Prof. Daniel Patias* da Escola de Música *The Flash*. Em resumo, tocar o instrumento estava me ajudando na doença autoinflamatória, eu estava "fazendo" fisioterapia sem o saber, o que é óbvio acabei falando com a fisioterapeuta que me atende e que me apoiou – meu também obrigado *Adriana Coltro*.

Subitamente, o hiperfoco disparou novamente, eu precisava entender a música, os compassos, notas, arpejos, melodias. Devorando vários materiais sobre teoria musical fui aos poucos, mas intensivamente, entendendo como a teoria funciona, e isso foi incrível. Hoje fico contando os tempos e imaginando os compassos em várias músicas que ouço.

Mas há alguma explicação para isso?

Por que que desde que ouvi e, muito mais tarde, peguei um baixo e dedilhei minha primeira nota, soube que esse era 'O' instrumento para mim?

Não é nada comprovado e é uma experiência pessoal, mas imagino algumas respostas:

i. Frequências Graves com *Stimming*

Os sons profundos e constantes do baixo reverberam de maneira marcante, criando uma experiência que ao mesmo tempo acalma e energiza, quase como se realizassem uma massagem cerebral.

ii. São Padrões por Toda Parte

As cordas e a escala do baixo são geralmente afinadas e organizadas seguindo um padrão geométrico. Dessa forma, ao aprender a estrutura de uma escala, tríade, arpejo ou melodia, é possível reproduzi-los em qualquer região do braço do instrumento. Esse entendimento facilita muito o processo de execução musical, especialmente ao identificar padrões recorrentes em diferentes composições. O reconhecimento desses padrões proporciona não apenas maior compreensão técnica, mas também uma apreciação mais aprofundada das obras musicais. A música, portanto, apresenta-se como um campo repleto de estruturas e repetições, elemento fundamental para o desenvolvimento musical. E estrutura e repetições são a base do Metal. E isso me ajuda muito, pois passo constantemente procurando por padrões.

iii. A Prática é um Ritual

Praticar no baixo por pelo menos 20 ou 30 minutos por dia é sempre um ponto alto no meu dia. Seja praticando movimentos, estudando uma música ou experimentando uma nova técnica, esses minutos são com certeza minha forma favorita de relaxar.

iv. E a pergunta que aparece sempre: "Não Quer Tocar em uma Banda?"

É frequente a estranheza de alguns ao saberem que optei por aprender a tocar baixo, mesmo sem a intenção de integrar uma banda. Muitos não compreendem que o que faço é unicamente para meu próprio prazer. Questionam: "Por que o baixo?" ou "Por que não aprende violão ou teclado?". O baixo, como instrumento responsável pela marcação rítmica em conjunto com a bateria, é tradicionalmente associado a grupos musicais. Por sua vez, o violão, a guitarra e o teclado costumam ser utilizados como instrumentos solo. No entanto, adoro o timbre grave característico do baixo, pois o som agudo do violão e do piano não atendem a minha necessidade de estímulo cerebral, e às vezes, até me irritam. Já o baixo é puro prazer sempre. Considero a prática desse instrumento estimulante e

relaxante, além de ser um excelente exercício tanto para a mente quanto para as mãos. A atividade me ajudou muito, inclusive, para o alívio das dores relacionadas à artrose nas falanges dos dedos indicadores e médio, funcionando, dessa forma, como uma forma de fisioterapia tanto física como mental.

Mas voltemos ao Heavy Metal, e seus subgêneros, quero comentar também esse hiperfoco e sua relação com o baixo que para mim são indissociáveis, e agora entendo que também o autismo se relaciona com eles. Basta lembrar de minha pré-adolescência, lá quando me encantei com o *Iron Maiden*, e o meu primeiro LP que foi do *Saxon*.

Que dizer? Eu era/sou um solitário e desajustado, então sempre fui atraído naturalmente pela subcultura e movimentos alternativos como o Metal e o Punk *("Hey! Ho! Let's Go" – música Blitzkrieg Bop – The Ramones*). Músicas destes gêneros musicais capturam a inquietação, revolta e são uma válvula catártica para toda a turbulência interna (ouça o sugestivo *Tornado Of Souls* do *Megadeth*). Conhecer a história da música, dos músicos incríveis, também me deu forças e resiliência para sempre me levantar depois de enfrentar os grandes contratempos na vida no dia a dia.

Apesar de ainda hoje o Metal e o Punk serem bastante marginalizados e discriminados, a música alternativa praticamente é uma das forças que me trouxe identidade com o mundo. Então, a música definiu uma grande parte da minha identidade pessoal muito antes de eu descobrir que era autista.

Além disso, a angústia e a revolta interna ressonam com a "filosofia" da subcultura do Metal e do Punk. Só hoje é que percebo os motivos dessa ressonância entre o etos do Metal e do Punk com os traços autistas, e, por que não dizer, com grande parte da comunidade neurodivergente.

Mas um parêntese, assim que descobri sobre o autismo e recebi o diagnóstico de autista, comecei a "devorar" conhecimento sobre o tema e biografias de pessoas autistas. A partir daí, minha perspectiva cresceu à medida que eu aprendia mais sobre o verdadeiro eu autista. Esse conhecimento tornou-se um catalisador

para ajustes práticos, intelectuais e que aumentaram drasticamente a minha qualidade de vida. Sem dúvida, os benefícios para a saúde mental de um diagnóstico tardio eram imensuráveis. Dito isso, o que formulo a seguir tem algum fundamento, apesar de não possuir rigor científico.

E lá vou eu escrever como professor que sou.

As Conexões entre Metal, Punk e Neurodivergência:

i. O primeiro ponto, é a "Não Conformidade"

O Metal e o Punk apresentam conexões significativas, pois ambos rejeitam expectativas sociais restritivas, normativas e padronizadas. Essa característica frequentemente se relaciona com experiências autistas, uma vez que indivíduos neurodivergentes valorizam e desenvolvem uma certa autenticidade em seus processos de crescimento.

ii. No Punk existe o "Faça-Você-Mesmo"

A força do faça-você-mesmo do Punk, com sua ênfase em criar sua própria cultura em vez de consumir o que lhe é dado, reflete uma inclinação de nós autistas por interesses especiais e a invenção de estratégias criativas em navegar em um mundo que não foi feito para nós.

iii. O Senso de Justiça ou "Princípios Fortes"

O Metal e o Punk são campeões em defender aquilo em que se acredita, custe o que custar. Essa força intensa é algo com que muitos autistas podem se identificar. Nossos princípios inabaláveis podem nos diferenciar em um mundo que frequentemente nos pressiona a comprometer-nos como indivíduos. E no Metal e no Punk as letras são em sua maioria sobre inconformismos sociais, temas íntimos, revoltas internas, resiliência, força em enfrentar o nosso mal de cada dia e por aí vai.

iv. Uma Comunidade para os "Desajustados"

O Metal e o Punk criaram um santuário para todos aqueles que se sentem incompreendidos e rejeitados pela sociedade dominante. É sabido que a neurodiversidade oferece uma comunidade para aqueles de nós cujos cérebros funcionam de forma diferente, por isso que é chamado de atípico. Apesar das barreiras e dificuldades que o autismo acarreta na comunicação, e consequentemente na convivência em conjunto, a comunidade neurodivergente, e a comunidade "metaleira" e a punk são um lugar onde ser um desajustado não é apenas aceito, mas é celebrado.

Todas essas ponderações explicam o porquê de eu ser influenciado pelo etos rebelde e pela estética do Metal, uma cultura que valoriza a autoexpressão e desafia as normas sociais. Além disso, utilizo a música para reconhecer minhas emoções, um processo importante para quem, como eu, convive com a alexitimia — a dificuldade de identificar e expressar sentimentos, e que é bem comum no autismo. Cada estilo musical reflete meu estado emocional: Death Metal quando estou irritado, Heavy Metal clássico em dias alegres, Nu Metal em momentos agitados, entre outros.

Mas voltemos ao baixo.

Você sabe qual instrumento é o mais subestimado e invisível?

O baixo elétrico — o marginalizado entre os marginalizados.

Então, o baixo é o instrumento ideal para mim, meio escondido, meio invisível, mas sempre necessário.

Pois, então, inconscientemente mergulho na postura discreta do baixista, usando o instrumento como *stimming*, expressão emocional, reconhecimento de padrões e fisioterapia. Tocar baixo funciona para mim como regulador emocional e, também, como exercício físico.



Foto do autor por Cristyan Siste

Por fim, gostaria de destacar que a compreensão do meu diagnóstico de autismo não eliminou aspectos importantes da minha identidade, tais como meu envolvimento com o universo do Metal ou a atuação como baixista. Pelo contrário, proporcionou uma visão mais aprofundada sobre essas preferências e meu interesse intenso nessas áreas. O entendimento da minha neurodivergência permitiu uma releitura mais clara do meu passado e revelou que minha inclinação por subculturas alternativas e pelo baixo elétrico vai além de modismos ou da própria música, trata-se de um processo contínuo de autodescoberta e valorização da autenticidade.



Foto do autor por Cristyan Siste

Rafael Antônio Comparsi Laranja

Nasceu em Porto Alegre, em 1973. Formou-se em Engenharia Mecânica pela UFRGS, onde também fez mestrado e doutorado na mesma área. Desde 2009, atua como professor no Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aos 50 anos, recebeu o diagnóstico tardio de TEA e AH/SD, experiência que passou a integrar de forma importante sua trajetória pessoal. É casado, pai de duas filhas e, fora da vida acadêmica, encontra no baixo, nos livros, na área de tecnologia e na música — especialmente no Heavy Metal e em seus subgêneros — algumas de suas grandes paixões.

Entre transtornos, cidades e humores

Ana Amélia dos Santos de Almeida

Necessito iniciar o texto justificando seu nome. Eu nasci em Brasília, mas morei em diversas cidades em Goiás, Rio Grande do Sul e uma em Santa Catarina, e todos esses lugares me trouxeram até aqui. Quando paramos pra pensar na questão do autismo, principalmente de 5 anos pra cá, percebo mudanças.

Quando paramos pra pensar na questão do autismo, principalmente de 5 anos pra cá, percebo mudanças. Umas positivas, outras nem tanto. Quando lembro da minha infância eu percebo que claramente os sinais estavam ali. Não só do autismo, mas do TDAH e do TOC. A geração dos atualmente (em torno de 2026) na faixa dos 30, 40 anos, viu-se obrigada a fazer adaptações comportamentais para adequar-se a situações, pessoas e lugares. Hoje sabemos que não precisa ser dessa forma. Entretanto, até hoje permaneço com hiperfocos que na infância e adolescência foram minhas válvulas de escape. Eu sempre tive hiperfoco em animais, principalmente cães (atualmente tenho 5). Eu colecionava revistas que falavam especificamente de cães. Tenho hiperfoco também em músicas, eu relaciono pessoas e situações frequentemente.

Os fones de ouvido são um acessório sem o qual raramente saio de casa. Acho importante tocar no tópico de que como autista que passou por um longo processo e teve seu laudo bem tardio, aos 35 anos, eu de forma alguma romantizo o transtorno, contudo, há perspectivas e sensações que creio serem mais presentes em pessoas dentro do espectro. Um exemplo é o fato de eu notar claramente quando o dia está com uma cor, brilho diferente, mesmo que seja uma mudança sutil, como um televisor quando mexemos um ou dois pontos no contraste ou no brilho. Essa sensação geralmente é positiva em minha percepção.

Claro que muitas vezes, como no meu caso, com o autismo vem as comorbidades, e aos 30 anos passei a ter que fazer uso contínuo de anticonvulsivantes, e um dos sinais mais claros e assustadores de uma iminência convulsiva é a sinestesia (sinestesia na aura é uma percepção sensorial cruzada causada por atividade cerebral anormal e pode indicar que uma crise convulsiva está se aproximando).

Há outro tópico que preciso mencionar em relação ao autismo, principalmente em mulheres, lembrando, claro, que cada autista é único, mas é justamente algo que vai contra a questão do hiperfoco: houve um ritmo diferente na construção do vínculo. Muitas mães criam um vínculo e um hiperfoco natural em relação ao próprio filho, e eu me sentia culpada porque o meu comportamento não era o socialmente esperado.

A sorte de muitos autistas, é que independente da crença, por vezes parece que temos um ser a mais, independente em nossas mentes que tentam de alguma forma neutralizar o que nos sobrecarrega, e essa voz, por muitas vezes, é fundamental. Nada que substitua ajuda profissional, afinal, independentemente do nível de suporte, não podemos descuidar da nossa saúde mental (premissa que evidentemente é válida para todas as pessoas). Muitas vezes já pensei que a vida do meu filho seria muito melhor se ele tivesse outra mãe, e que o fato, dele estar dando sinais e estar em um processo de investigação, seria minha culpa. Claro que o conhecimento é libertador, e eu atribuo à ciência o fato de compreender que muitas vezes é a nossa cabeça nos sabotando, e não o que é real.

Durante a escrita desse capítulo, fui acometida por um fenômeno que acontece de vez em quando, justamente relacionado ao hiperfoco: menos fome, menos distrações, e uma apreensão da atenção relativamente fora do normal. Como entusiasta da ciência, atribuo a fatores hormonais e pressões externas, pois coincidiram mais uma vez com situações anteriores. É como se fosse uma "ritalina natural". Consigo render e não me distrair. Claro que o cérebro cobra um valor depois, que é o cansaço e efeito rebote. Eu,

honestamente, acredito no trabalho de todos que estão compondo esse livro, não só para os futuros leitores, mas para nós mesmos.

Existe algo quase contraditório nesse estado. Ao mesmo tempo em que ele é extremamente produtivo, também é desgastante. Parece que o cérebro decide funcionar em uma velocidade que o restante do corpo não consegue acompanhar. Eu esqueço de beber água, ignoro sinais físicos básicos e só percebo o quanto estou cansada quando literalmente não consigo mais manter os olhos abertos ou começo a sentir aquela sensação de "pane" mental.

Curiosamente, nesses períodos, eu me sinto mais próxima de mim mesma intelectualmente, como se todas as peças finalmente encaixassem. Os pensamentos não tropeçam tanto uns nos outros. Existe uma linha contínua de raciocínio, quase limpa. E isso é perigoso justamente porque é bom. Porque dá uma sensação de capacidade absurda, quase injusta, como se por algumas horas ou dias eu finalmente funcionasse no mesmo ritmo que o mundo exige o tempo inteiro das pessoas neurotípicas. É um interesse constante e fixo na minha vida: a ciência! Eu sou uma pessoa completamente "científica", eu acredito que o conhecimento e como nosso cérebro e o universo funciona é algo incrível. Por consequência (não é regra, deixo bem claro), acabei me tornando uma pessoa que conhece e respeita todas as religiões, contudo, não acredita (até o presente momento) em Deus e outras divindades. Eu realmente acredito no palpável, na ciência, mas como disse e ratifico quantas vezes for necessário, eu respeito a diversidade religiosa e o direito de escolha das pessoas.

Talvez por isso seja tão frustrante quando acaba. Porque acaba. Sempre acaba. O hiperfoco é vendido muitas vezes como uma "vantagem" do autismo, quase como um superpoder moderno romantizado pela internet, mas raramente falam sobre o custo fisiológico e emocional que vem depois. O cérebro cobra. Cobra no corpo, no humor, na irritabilidade, na exaustão, na dificuldade posterior de reorganizar tarefas simples. É quase como gastar toda a bateria de uma vez e depois passar dias tentando voltar ao

funcionamento minimamente equilibrado. Não existe glamour nisso. Existe adaptação. Existe sobrevivência funcional.

O autismo é algo que não deve ser negligenciado, mas também não deve ser superestimado. Pode ser uma comparação que soa cruel, mas em muitos momentos eu me sinto em um jogo em que ninguém sai vencedor porque se você tem um nível de suporte ou comprometimento maior, você é tido como incapaz (mesmo que nos dias de hoje). Porém, se você é autista, com laudo e mais, com todos os ônus que são as comorbidades, mas você é uma pessoa funcional, estudada, que trabalha, você é visto como uma fraude, ou pior: as pessoas não levam em consideração que você pode estar "bem", entretanto, ao mesmo tempo, no seu limite. Nos sentimos em um misto de orgulho por dar conta, mas de peso, de julgamento, e de verdade, do fundo do meu coração, dá vontade de gritar, de fugir.

Existe uma cobrança silenciosa para que sejamos exemplos permanentes de superação. Como se o fato de trabalhar, estudar, produzir e manter certo nível de funcionalidade automaticamente anulasse o desgaste interno. As pessoas enxergam o resultado final, raramente o processo. Não enxergam as horas gastas tentando regular emoções, os roteiros mentais antes de interações simples, o esforço constante para parecer "adequado", o cansaço social acumulado depois de ambientes barulhentos ou emocionalmente imprevisíveis. E talvez uma das partes mais difíceis seja justamente essa invisibilidade. Quando o sofrimento não é imediatamente percebido, ele frequentemente é invalidado.

Há uma solidão muito específica em ser um autista considerado funcional. Você não é visto como "autista o suficiente" para compreensão plena, mas também nunca deixa de sentir as limitações, os impactos sensoriais, emocionais e cognitivos. Em muitos momentos, parece que estamos constantemente justificando nossa própria existência ou autenticidade. Como se fosse necessário provar sofrimento para merecer acolhimento. E isso é extremamente cansativo.

Não sei quantas vezes na vida me deparei com essa situação, com esse sentimento e frustrações. Entendo que seja essa uma das razões pelas quais tenhamos, para uma melhor qualidade de vida, que fazer terapia *Para Todo Sempre*, parafraseando a frase clássica do casal Michael Newman e Donna Newman, no filme Click. Porque existe algo muito delicado em continuar funcionando enquanto internamente partes suas parecem constantemente sobrecarregadas. A terapia, ao menos para mim, nunca foi sobre "conserto". Foi sobre sobrevivência emocional, entendimento e manejo. Sobre aprender a existir sem transformar cada dificuldade em culpa pessoal.

E talvez seja justamente isso que eu gostaria que mais pessoas entendessem: o autismo não é uma tragédia constante, mas também não é um dom cinematográfico. É uma condição atravessada por contextos, por suporte, por saúde mental, por ambiente, por acesso a diagnóstico, por classe social, por acolhimento familiar e até por exaustão acumulada. Existem dias bons. Existem dias péssimos. Existem dias em que me sinto extremamente capaz e outros em que pequenas demandas parecem esmagadoras. E tudo isso continua sendo real ao mesmo tempo.

Quem sabe a maior violência não seja o preconceito explícito, mas a expectativa constante de performance. A ideia de que, se conseguimos "dar conta", então automaticamente estamos bem. Quando, na verdade, muitas vezes estamos apenas cansados demais para explicar o contrário.

É possível que justamente pela sobrecarga sensorial, pela divagação, correria do dia a dia, a gente tenha tanto a escrever que, quando finalmente escreve, nunca sai o quanto acharíamos. É como se existisse um universo inteiro funcionando dentro da nossa cabeça o tempo todo, mas transformar isso em palavras exige atravessar um congestionamento mental. Os pensamentos vêm rápidos, simultâneos, às vezes até bonitos, mas difíceis de organizar. Algumas ideias parecem completas internamente, porém, quando chegam ao papel, dão a sensação de terem perdido

pedaços no caminho. E talvez isso aconteça porque sentimos demais, pensamos demais, observamos demais.

Só que essa oportunidade de participar dessa obra não é apenas uma oportunidade para pessoas que se sentem sem saber por onde começar. É também uma oportunidade de existência. De voz. De expressão. Existe algo muito simbólico em pessoas neurodivergentes escreverem sobre si mesmas sem precisar que alguém interprete tudo por elas. Durante muito tempo, falaram sobre nós. Diagnosticaram, analisaram, categorizaram, definiram limites, explicaram comportamentos, fizeram teorias. Agora, pouco a pouco, começamos a ocupar um espaço que sempre deveria ter sido nosso: o de narrar nossas próprias vivências.

Como dito anteriormente neste capítulo, não acredito que devemos idealizar e nem superestimar o autismo e demais transtornos, porém, a nossa geração é uma geração que tem seu mérito sim. Fomos nos moldando, encaixando, mas ao mesmo tempo usando todas as adversidades encontradas no nosso caminho para construirmos personalidades únicas. E talvez essa seja uma das maiores ironias da vida: muitas características que antes eram vistas apenas como "estranhas" acabam sendo justamente aquilo que nos torna memoráveis.

Sempre fui a "esquisita", mas a esquisita que esteve nas festas, aproveitou a adolescência, bagunçou na faculdade, foi namoradeira. Diziam que não era exatamente beleza (pobre de mim), mas que eu tinha algo que chamava atenção, e talvez seja essa maneira de ver o mundo única, desde suas cores e tons. Inclusive, quando conheci a Professora Emiliana, lá em 2010, na primeira cadeira de Libras da faculdade, eu senti justamente isso: uma figura única! Aquela aula que você não quer faltar, aquela professora que trata os alunos na parceria, sem perder o respeito… marcou a minha vida e foi decisiva para que eu fizesse curso de Libras em diversas instituições de ensino, e inclusive uma especialização. Infelizmente, sem a prática acabei não obtendo a fluência, mas todos os trimestres ministro oficina de Libras dentro do componente de Língua Portuguesa para alunos do primeiro,

segundo e terceiro ano do ensino médio. É a forma como não deixo esse lado da educação se perder na minha vida.

Mais uma vez sobre as aulas de Libras na faculdade: uma experiência tão marcante que acabou influenciando diretamente meus caminhos posteriores. A identificação com Libras não surgiu apenas pela curiosidade acadêmica, mas pela sensação de encontrar uma forma de comunicação extremamente humana, visual, expressiva e sensível. Algo que, sinceramente, combina muito comigo. Aquilo mexeu tanto comigo que me levou a fazer cursos de Libras em diversas instituições de ensino e, posteriormente, uma especialização.

Talvez seja justamente isso que eu mais ame na educação: a possibilidade de provocar pequenas expansões de consciência. Nem sempre vamos mudar completamente a vida de alguém, mas às vezes despertamos interesse, acolhimento, identificação ou curiosidade. E isso já é enorme. Porque conhecimento também é afeto, memória e permanência.

Justamente para não acabar me perdendo ou divagando mais, opto por encerrar de maneira grata essa participação. Desde já, tenho orgulho dessa participação e contribuição, será incrível saber que um dia meu filho irá ler e compreender não só sob a minha perspectiva, mas das outras figuras essenciais desta obra o quanto esse universo é rico, vasto e principalmente: Viva a ciência, viva a educação! Obrigada a você que esteve até aqui. Nos vemos!

Ana Amélia dos Santos de Almeida

Nasceu em Brasília-DF, em 9 de outubro de 1990, mas aos 17 anos trocou o Planalto Central pelos ventos (e pelas temperaturas nem sempre amigáveis) do Rio Grande do Sul. É formada em Letras Português e Respectivas Literaturas pela UNIASSELVI (2016) e, como aparentemente não sabia ficar parada, continuou estudando. Realizou cursos de Libras, incluindo formações na Escola de Surdos Frei Plácido, em Porto Alegre (2016), e no Instituto Federal de Santa Catarina (2019). É pós-graduada em Educação Especial e

AEE, Orientação Educacional e Tradução, Interpretação e Docência da Libras, além de atualmente cursar uma pós-graduação em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional. Desde 2021 atua na Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Sul com turmas do Ensino Médio, profissão que exige conhecimento, criatividade, paciência e, ocasionalmente, habilidades que provavelmente deveriam valer como superpoderes. Em 2026, sua rotina é compartilhada com um filho de 3 anos e cinco cachorros, que juntos garantem que o conceito de silêncio seja tratado apenas como teoria. Possui grande interesse pelas Neurociências, gosta de entender como o cérebro funciona e por que ele insiste em funcionar de maneiras tão curiosas. Também aprecia esquetes, vídeos de humor e tudo aquilo que provoque boas risadas. Nos momentos de lazer, encontra nos videogames sua principal válvula de escape, afinal, às vezes salvar mundos virtuais parece mais simples do que organizar a vida real.

Geo-grafias de um corpo autista na cidade: caminhar, perceber, fotografar, escrever

Antonio Carlos Queiroz Filho

Se já disse em certo momento que o corpo é a nossa primeira geografia, tenho murmurado, mais recentemente, que minha geo-grafia começa pelos pés. Essa não é uma afirmação literal, no sentido de apontar por onde começam e por onde terminam os atravessamentos que me constituem. Ela diz, sobretudo, que não é somente "ver" o sentido que conduz o meu modo de dizer, pensar, sentir e agir no mundo. Por vezes até *é*, mas sempre *sendo*, como um ver de ouvir, um ver de esbarrar, um ver de saborear ou, como me chegou mais recentemente, um ver que não vê.

Nesses termos, quando recebi o convite para dizer algo a partir das perguntas que fazem as professoras Emiliana e Cristina — **"Qual seu hiperfoco? Qual assunto, atividade ou algo que te arrebate e te faz se concentrar tanto que faz esquecer o mundo ao redor e, às vezes, o mundo interno?"** — não demorei muito para perceber algo que tem acontecido de modo muito intensivo desde que fechei meu diagnóstico de autismo (além do TDAH e comorbidades associadas). Foi, depois de dois anos de acompanhamento psiquiátrico, em 2024, que consegui começar a compreender e a nomear certos processos e modos de existir, antes muito nebulosos.

Lembro com muita vivacidade daquilo que hoje eu entendo que eram crises de ansiedade, em que **sair de casa para caminhar** era o modo como, à época, eu me "autorregulava" emocionalmente. E até hoje isso acontece, como na ocasião mesma da escrita deste texto, quando uma saída para caminhar me ajudou a organizar um dos pontos que abordarei mais à frente e que talvez seja, ele mesmo, o coração do que quero compartilhar com vocês

aqui. Tratarei do "hiperfoco", portanto, deslocado do modo como ele é frequentemente capturado pela lógica capitalista neoliberal. Pérez (2025), por exemplo, sob a perspectiva psicopolítica de Byung-Chul Han, discute como o "capitalismo da emoção" e as lógicas de otimização pessoal ("ludificação" do trabalho; "ciência da felicidade") convertem estados afetivos e capacidades de atenção em vantagens competitivas (capital simbólico). Isso, sem dúvida, nos ajuda a pensar justamente sobre a ideia de como o hiperfoco pode ser instrumentalizado para ser considerado algo indispensável dessa "sociedade do rendimento e da positividade".

Uma das consequências disso pode ser analisada a partir dos estudos sobre "*stimming*" (Kapp *et al.*, 2019), que, por exemplo, explicam que os movimentos repetitivos realizados **como estratégias regulatórias** ou até mesmo **como função social-comunicativa significativa ligada à expressão emocional** (Morris *et al.*, 2025) são frequentemente suprimidos por pressões sociais. Seguindo nessa linha, Rapaport *et al.* (2024), por exemplo, ao discutirem sobre as intersecções encontradas entre os conceitos de *"flow"* (fluxo), hiperfoco e monotropismo, quando da investigação sobre a imersão em tarefas em adultos autistas, demonstraram que esses mesmos estados, para além da "alegria", podem também levar à exaustão e negligência de autocuidado, evidenciando que a regulação por hiperfoco tem custos funcionais.

O que podemos observar, até aqui, é que há também situações vivenciadas por nós, pessoas autistas, em que a "imersão intensa" (hiperfoco) está para além do alívio, satisfação e possibilidade de "sermos nós próprios", ou seja, está para além de ser um mecanismo totalmente eficiente para gerir emoções e sobrecarga sensorial. Mas destaquei esses aspectos nos parágrafos anteriores, como uma ressalva, justamente porque o que desejo abordar aqui dialoga de modo bastante intensivo com o que encontrei no artigo "Teatro, meu hiperfoco", de Adriano Moraes de Oliveira (2025). Para o autor, o teatro passou a ser entendido como seu hiperfoco após seu diagnóstico de autismo aos 50 anos. Isso aconteceu, para Adriano, no mesmo ano em que recebi o meu — 2024. *Precisão, previsibilidade*

e *repetição* são os termos que fazem do teatro esse lugar de regulação e funcionamento, como uma "brincadeira de controlar o tempo". *Controlar*, nos é uma palavra muito cara. E ele explica:

> Cheguei a uma espécie de passo a passo para fazer teatro, percebendo que a previsibilidade é fundamental para que eu me sinta seguro no ambiente criativo. **A segurança provoca em mim uma liberdade criativa que pode ser traduzida como um estado de extrema alegria.** É por perseguir a alegria que o fazer teatral me proporciona que entendo, hoje e após o diagnóstico, o teatro como um hiperfoco (Oliveira, 2025, p. 10)

Esse "caminho seguro" que Adriano compartilha me fez parar para pensar ainda mais sobre a experiência do caminhar pela cidade como um dispositivo de "autoregulação". Qual seria o meu? Talvez o fotografar ou o videografar consista nisso: um caminho seguro que me permite atravessar o caos da cidade sem ser engolido por ela. Por isso, visto que o tempo foi passando, passei a sentir a necessidade de ter alguma *companhia* nesses momentos em que a **cidade "caminhada"** reverberava também outros sentidos e afetações na escala intensiva do meu corpo. Não me adiantava mais somente sair caminhando, sem rumo, até à exaustão do meu corpo.

Dentre outros dispositivos, como a *poesia sonora* produzida pelos sons e modos de habitar a cidade[1], o que decidi trazer para cá trata da **fotografia** como esse aparato que participa disso que passei a chamar, inicialmente, **de experiência citadina**. *Experiência*, na acepção do filósofo espanhol Jorge Larrosa (2015), como aquilo que *nos* passa, que *nos* acontece (e não o que se passa, o que acontece). O que *me acontecia*, diante dessa experiência sensível, era *uma* cidade, tanto *percebida* (lida) como *criada* (grafada) pelo ato de caminhar. E é daí que me chega também à ideia de *Walkscapes*[2],

[1] Cf.: https://rasuraspesquisa.weebly.com/rasuras-podcast.html

[2] A edição brasileira não traduziu o título, mas gosto de pensar em *paisagens do caminhar*.

desenvolvida pelo arquiteto e ativista italiano Francesco Careri (2013), que entende o caminhar como uma ação criativa primária.

Estavam, portanto, Larrosa e Careri me ajudando a entender conceitualmente uma *percepção da paisagem* que se dava por meio do caminhar como experiência sensível e prática estética. Isso, por sua vez, ganhou ressonância quando passei a considerar que esse processo era algo feito por um corpo, o meu. Um corpo que já foi condicionado pela experiência de ser bailarino de dança contemporânea (Queiroz Filho, 2018), como também por um corpo acometido por hérnias de disco lombares (Queiroz Filho, 2020) e, mais recentemente, o reconhecimento desse corpo que sempre foi o que eu ainda não sabia nomear: um **corpo autista**.

Pensar, portanto, nos termos de uma conexão existente entre esse *(i) corpo autista*, *(ii) minhas experiências citadinas* e *(iii) os registros fotográficos e videográficos*[3] *produzidos a partir disso* tem me ajudado a repensar o modo como o meu corpo lê e grafa a cidade. Era, e ainda é, assim, que sigo constituindo essa geo-grafia autista que começa pelos pés. A cidade, esse grande organismo vivo, segue sendo habitada pelos passos desse corpo em descompasso. Ritmo cardíaco, ritmo pulmonar, ritmo pedonal aos poucos iam se alinhando e produzindo uma respiração que comungava corpo e cidade como uma coisa só. E, só assim, eu me sentia em condições de voltar para casa.

Essas são, assim, grafias situadas, aterradas e contextualizadas nesse e por esse processo em que *atenção* e *percepção* funcionam de modo distinto para o sujeito neurotípico. E foi pesquisando sobre isso que me chegou muito recentemente o termo: **monotropismo**. No artigo *"Attention, monotropism and the diagnostic criteria for autism"* (Murray; Lesser; Lawson, 2005), os autores propõem o monotropismo como uma teoria central para compreender o autismo descrevendo-o como uma tendência

[3] Como alguns dos vídeos do projeto "Narrativas Desviantes", bem como a série "Baú de Memórias Inventadas" (especialmente o vídeo "Dizer-Paisagem"). Cf.: https://www.youtube.com/@rasuraspesquisa

neurológica de canalizar a atenção de forma intensiva em um único interesse por vez.

Por meio de uma síntese entre literatura acadêmica e relatos de experiência pessoal, o texto descreve como essa estratégia cognitiva resulta em uma **percepção fragmentada do mundo**. Nesse sentido, interpretar hiperfoco via monotropismo desloca intervenções do paradigma de *eliminação* para o de *suporte*. E, apesar de os autores abordarem a questão de como as mudanças imprevistas podem ser sentidas como catastróficas, pergunto-me por que o caminhar na cidade, nesses momentos de autorregulação, não me desregula ainda mais, já que é um ambiente barulhento e caótico.

O que sinto é que essa canalização da atenção em poucos interesses intensos — o que os autores chamam de **focalização profunda** — cria "túneis de atenção" que dificultam o processamento de estímulos multissensoriais ou sociais simultâneos. Estar imerso nessa dinâmica é o que me faz deambular pela cidade; nesse processo, deixo de ouvir certos sons, deixo de ver certas coisas, para ouvir e ver outras. O meu corpo autista, portanto, agindo em monotropismo, possui um canal de atenção que frequentemente recorta fragmentos do mundo, seja o cotidiano doméstico ou o caos urbano e, a partir disso, é como se momentaneamente nada mais existisse.

Nesse sentido, a pergunta a ser compartilhada como o coração deste ensaio seria: como esse *túnel de atenção* efetua-se **quando caminho com uma câmera?** De imediato, penso que o caminhar pela cidade, então, atende à inquietude (TDAH/Ansiedade), mas o ato de levar a câmera ao olho, recortar um quadro e fazer o "clique" é o ancoramento (Autismo/Monotropismo). Paro então para pensar sobre como esse processo de atenção/percepção desse corpo-mundo segue para a grafia dessa afetação, que é mútua. E essa reflexão se demora um pouco sobre mim, porque duas são as situações em que essa pergunta participa:

(i) Quando eu tinha uma câmera fotográfica, sempre que eu ia sair para caminhar (nesse sentido de autorregulação), eu

levava a câmera comigo. A câmera, portanto, como à época, já atuava como *suporte* ainda não reconhecido por mim nesses termos. E isso fica evidente quando morei em Braga (Portugal) por alguns meses em 2017, para realizar meu pós-doutorado sobre geografias do corpo a partir da dança. Chegou um momento da minha experiência com o lugar em que eu só saía de casa, motivado pelo ato/gesto de poder fotografar[4].

(ii) Hoje, na ocasião dessa escrita, não tenho mais uma câmera fotográfica, somente o aparelho celular. E sinto que ele não me é "suporte", da mesma forma. Talvez pelo que pegar um celular na mão signifique atualmente: a possibilidade de ser capturado por tudo aquilo que ele nos confere acesso, o caótico do mundo na palma das mãos, convertido numa pilha de imagens. Além disso, o gesto de empunhar o aparelho aciona uma memória corporal prévia, vinculada à dispersão e à urgência. Antes mesmo de a lente focar o asfalto, a tela acende com notificações; a interface interpõe-se por meio de interrupções. O corpo já está treinado para reagir a esse vidro luminoso com os reflexos condicionados do consumo compulsório, exigindo um esforço adicional para converter um instrumento de hiperestimulação em uma ferramenta de ancoramento.

De todo modo, em ambos, nem sempre aquilo que minha atenção/percepção focaliza intensamente eu *decido* parar para fazer uma foto. Então, qual é a questão? Para mim, talvez seja justamente esse ir ao encontro do banal, do mundano, do ordinário desse ser-cidade. De fazer da fotografia esse lugar de acontecimento e, por que não dizer, de experiência fenomenológica, como aquela abordada por Leon-Quijano (2021), que defende a fotografia, para além do seu sentido de mera evidência ou "dado" indexical, mas

[4] Essa experiência pode ser melhor compreendida no livro "Corporema: por uma geografia bailarina" (Queiroz Filho, 2018), mais especificamente nos capítulos "Habitar de um corpo triste" e "Redescoberta do corpo".

como recurso criativo para dar a ver experiências internas, sensoriais e corpóreas, sendo ela capaz de explorar o domínio dos sentimentos, do intelecto e dos sentidos.

Sinto, portanto, que a fotografia talvez possa ser pensada aqui como o ponto de resolução (ou suspensão) dessa tensão no meu corpo. Isso porque o espaço da rua me impõe uma coreografia exaustiva. Caminhar pela cidade significa ter os sentidos invadidos por uma sobreposição violenta de estímulos: os sons estridentes que cortam o ar, a repetição mecânica dos motores, a velocidade dos carros que impõem sua própria regra e trituram a escala humana do trânsito. Na calçada, o atrito é ainda mais imediato. Há uma disputa territorial constante com corpos que caminham com uma soberania invasiva, exigindo desvios físicos repentinos, além da necessidade de constante vigilância com a materialidade miúda e hostil do próprio chão, como o dejeto dos cachorros não recolhido pelos seus tutores. Sair de casa converte-se, muitas vezes, em um desafio de suportabilidade sensorial e social.

É diante desse esmagamento sensorial que o ato de fotografar engendra essa geo-grafia autista. A câmera torna-se um salvo-conduto tático para a presença no mundo. Por vezes, a iminência de cruzar a porta de casa só se viabiliza pela promessa de proteção que o visor óptico oferece. A imagem, assim, não poderia ser outra coisa senão uma reverberação dessa negociação interna. E, nesse processo, "retenho" o que produz afetações outras, em que corpo e aparelho podem, nesse caso, estabelecer relações distintas daquelas em que se dão no âmbito do gesto compulsório de produzir imagens — e por que não dizer, *instagramáveis*. Ao esvaziar a captura de sua função utilitária, sinto-me dissolvido no próprio ato de perceber, enuviando o desespero provocado pela crise de ansiedade, para que visão, passo e respiração instaurem outro estado de corpo.

Recortar um quadro é, portanto, um ato de exclusão do excesso, e o hiperfoco, o reestabelecimento das fronteiras do meu próprio espaço afetivo. Por isso, faço coro ao que discute Cala Coats

(2014) sobre a fotografia a partir da ideia deleuze-guattariana de "arma nômade". Para ela,

> Posicionar a câmera como uma arma nômade sugere que seu propósito deriva, em primeiro lugar, do envolvimento subjetivo do operador e reconhece o ato de fotografar (a câmera como arma) como um encontro afirmativo. Além disso, nesse cenário, a força nômade da câmera reside na ação e no processo, e não na captura e na produção. A câmera como ferramenta funciona em seu enquadramento representacional mais comum (Coats, 2014, p. 5)[5].

É assim, então, que o fotógrafo-caminhante e a paisagem-corpo tornam-se uma única extensão material; uma presença concreta em que a pele, a máquina e a calçada são tecidas em continuidade, ainda que momentaneamente, ininterrupta. A partir de agora, as trago para cá, as imagens, acompanhadas de *notas poéticas*. Esse conjunto configura o próprio território onde a teoria e a experiência acontecem. Por isso, o que direi *com elas* (e não sobre elas) nasce justamente daquilo que Giuliana Bruno (2014) vai chamar de "intimidade pública", que se daria na "superfície", essa arquitetura compartilhável, esse local de habitação, mediação e projeção que conecta sujeitos e objetos.

Giuliana está falando da moda, da arquitetura, do cinema, das superfícies de tela, das paredes, pinturas, do teatro, do museu. O que reverberou em mim, entretanto, está no entendimento que sugere experienciar essa relação que estabelecemos com o mundo, com as coisas e com nós mesmos, a partir da **materialidade háptica** (tátil) que se desdobra em nossas paisagens interiores e afetivas. Esse entendimento me faz chegar também à ideia da "produção de presença" proposta por Hans Ulrich Gumbrecht (2010), como uma

[5] **Do original:** *Positioning the camera as nomadic weapon suggests that its purpose is derived first from the subjective engagement of the operator and recognizes the act of doing photography (camera as weapon) as an affirmative encounter. Moreover, in this scenario, the camera's nomadic force is one of action and process, rather than capture and production. The camera as tool functions it its more common representational frame.*

"alternativa" ao predomínio absoluto da interpretação (hermenêutica) nas Ciências Humanas. Em resumo, ele explica que a "presença" se refere à relação espacial e corpórea com as coisas, atuando, em grande medida, como uma tensão à lógica binária do "sujeito moderno" (cartesiano) que se aparta do mundo para transformá-lo em objeto de interpretação.

Parece-me então que Gumbrecht é mobilizado, dentre outras coisas, por esse sentimento de "que já não estamos em contato com as coisas do mundo" (Gumbrecht, 2010, p. 73). Para mim, isso ressoa justamente como essa geo-grafia autista que, tendo começado pelos pés, agora reconhece o corpo-câmera como pele, essa superfície, esse "tecido" enquanto "membrana", que tanto protege quanto deixa passar. Disso nascem as imagens, mas, especialmente, as notas poéticas. É um dizer-imagem e um dizer-palavra aterrados na concretude do que é sentido pelo corpo que caminha diante da cidade como poética do fragmento.

Convido-os, então, a adentrar no meu *túnel de atenção*, com três séries fotográficas. Não à toa, as duas primeiras escolhi por terem sido produzidas antes do meu diagnóstico, justamente porque, ao olhar para elas hoje, evidencio tudo que venho falando até aqui. As imagens estão, assim, dispostas uma ao lado da outra, apequenadas, de modo a suscitar no leitor a experiência de olhar para as fotografias como se estivesse fazendo isso por meio de um "monóculo de fotos".

E, como dito antes, elas não estão só. Trago para fazer companhia uma escrita do que tenho chamado de *notas poéticas*, que são, por assim dizer, **uma escrita direta do coração** (para lembrar, com muita intensidade, a escritora Clarice Lispector e sua "com o corpo todo", que reverberam, justamente, algo desse meu contato com as imagens quando me coloco diante delas e por elas sou afetado:

> A palavra é a minha quarta dimensão (...) E se tenho aqui que usar-te palavras, elas têm que fazer um sentido quase que só corpóreo, estou em luta com a vibração última. Para te dizer o meu substrato

faço uma frase de palavras feitas apenas dos instantes-já (Liscpector, 1998, p. 11).

Ao final, entretanto, também compartilho a terceira série fotográfica, com imagens produzidas entre 2024 e 2025. Isso porque, após o diagnóstico, passei a perceber certas atitudes corriqueiras. Ao caminhar, costumo olhar para o chão ou para o alto, a fim de evitar cruzar olhares com aqueles que passam por mim. Por vezes, o que fica deles, é um detalhe, como, por exemplo, o que estão calçando. Mas é nesse modo de dispor meu corpo ao horizonte-chão que reverbera em mim as "gramáticas expositivas do chão", para continuar com Manoel de Barros. Por isso, as imagens dessa série fotográfica estão dispostas de outro modo e, além disso, elas são, em si mesmas, imagem e palavra.

Série Fotográfica "Grafias sobre a Passagem"[6]



(Madrid / Paris – Setembro de 2019 – Fotografia Digital DSLR)

Sinopse

Nos corredores subterrâneos, esta série fotográfica reverbera a suspensão temporal dos espaços de trânsito. O metrô, como uma câmara de compressão, dita o ritmo dos passos e dilata a sensação

[6] Este conjunto de obras integra a pesquisa desenvolvida no projeto "Geografias da Dança: Epistemologias e Poéticas do Corpo, da Cidade e do Movimento - Fase 02 (2018-2020)". Parte dessa investigação compôs o trabalho *Body-Senses*, apresentado no *Encuentro Tejidos, atividade do FIVER – International Screendance Movement*, em colaboração com a *BAC Madrid (Bienal de las Artes del Cuerpo, Imagen y Movimiento)*. Sob essa ótica, as fotografias apresentam a coreografia involuntária do sujeito contemporâneo: um corpo que, para habitar a metrópole, precisa negociar sua própria identidade com os sinais que comandam o *seguir* e o *parar*.

de duração. Do corredor vazio à multidão solitária, as imagens buscam as frestas de humanidade que resistem à estrutura rígida da pressa e do automatismo individualista. Elas são, por assim dizer, uma cartografia da espera, onde o olhar registra a permanência do afeto no fluxo acelerado das cidades.

geometrias do anônimo

O silêncio como contemplação, inventado por uma imagem-fragmento. Pedaço de tempo... Que aponta para um corpo em estado de pausa. Espaço-tempo da imagem que, no agora, diz do que foi: um rio de corpos canalizados. Euforia de pés e palavras, vociferadoras de caminhos. Esvaziados por memórias de um subterrâneo nada afetivo. Ainda que afeto seja, sobretudo, aquilo que nos afeta. Nesses encontros que só aparecem quando seguimos na direção oposta das saídas sobredeterminadas. Eis o talvez da contramão de nós mesmos.

os três tempos

Inspirado na ideia de "tempo na imagem" do cineasta Andrei Tarkovsky, no livro Esculpir o Tempo, esta fotografia sugere os três tempos da desconexão. Sob a placa "Opéra", a coreografia do isolamento: corpos presentes, atenções ausentes. A captura mergulha na luz fria da tela e se retira do mundo. Três tempos de uma solidão compartilhada, esculpidos na banalidade da espera.

o entrelugar

O corpo que se esconde na geometria do ferro. Não sabemos se chega ou se parte; habita apenas o intervalo. Entre a máquina e a plataforma, uma presença quase furtiva, um vulto que negocia seu espaço na rigidez do metal. É o humano que se recusa a ser massa, entrincheirado na fresta, observando o fluxo sem, contudo, pertencer a ele. Um instante de respiro antes que o apito anuncie a urgência do seguir.

geometrias da ausência

Sem a passagem dos corpos, a escada fixa despe-se de sua função utilitária e revela-se como pura geometria, projetando suas linhas em direção à

grande vidraça da estação. O olhar atravessa essa transparência apenas para encontrar, do outro lado da rua, o reflexo de seu próprio silêncio: fachadas de prédios onde janelas encaram janelas, todas desabitadas. Neste alinhamento de vazios, o metrô atua como uma câmara óptica urbana. Ele recorta e enquadra a cidade, transformando a arquitetura em um cenário suspenso. A única presença viva é a da testemunha que passa: o observador que, em seu instante de trânsito, costura essas solidões e valida a existência da paisagem.

Série Fotográfica "O lugar das palavras como desvio"[7]



(Coimbra, Portugal – 2021 – Fotografia Digital Mirrorless)

Sinopse

Nesta série, imagem e palavra atuam como camadas autônomas que se atravessam. Enxertos textuais que instalam um "ruído" poético na leitura do espaço. A obra, registra essa justaposição entre a arquitetura da cidade e a arquitetura da palavra. Como imagem, suspensa do automatismo cotidiano, cria-se um terceiro sentido que emerge desse choque. Cidade, portanto, como texto. Nesse sentido, ao rasurar a função explicativa da palavra, a série convida o espectador a ler a cidade como um mapa

[7] Esta série visual constitui um desdobramento da videoinstalação "Baú de Memórias Inventadas", desenvolvida durante a Residência Artística de Documentação Linha de Fuga (Coimbra, 2021). Realizado com o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian e do Programa Garantir Cultura (Ministério da Cultura de Portugal), o projeto investigou as tensões entre o arquivo-afeto e criação (po)ética. A pesquisa centrou-se na produção de registros ancorados na sensibilidade e na potência dos "ecos", atuando na diluição das fronteiras entre texto, imagem e corpo, para construir a memória de uma experiência vivida à distância. Cf.: https://www.linhadefuga.pt/eventos/residencia-artistica-documentacao?lang=pt

de geo-grafias afetivas, que nos dá a ver uma trama de sensações, dúvidas e sentidos em disputa.

plano b
imagem-encontro / feita de palavras como nascente / rio-rua / ponte-pés / caminhar / parar / seguir / nunca mais como antes

imagem-esquina
fiquei ali parado / ecoando os três tempos daquele verbo / não era qualquer um / era aquele / amar / amar / amando / rasura do verbo / só, assim, o outro particípio

grafias
muro feito caderno de anotações / nele escrevo o que vejo / como ruído sonoro / liberdade é amor? / ator? / tudo lixo

rua do desvio
meu mapa ficou doente / com febre / ele dizia / vai / "e atravessa a rua do medo" / até que parou de dizer / e cansado / seguiu sem se despedir

delírios do verbo
texturas / cores / formas / tempos / espaços / convite ou imposição? / fico ali parado / ou sigo procurando? / uma coluna / uma tubulação / uma caixa de eletricidade? / quantos adesivos? / quantas pedras juntadas, como pés do habitar a cidade / hoje / PDO 2630 / Faz o quê?

(po)éticas
apenas o silêncio / porque não consigo ler apenas uma vez / calo-me / para dar lugar ao eco de uma pergunta que reverbera / apenas o silêncio

Série Fotográfica “Horizonte-Chão”



(Vitória–ES, Brasil – 2024-2025 – Fotografia Digital Smartphone)

E o que fica depois de tudo isso?

Tudo que consegui dizer, num movimento dançado que vai da exclamação à interrogação, que fica e se esvai.

O corpo autista, marcado pela urgência da autorregulação, encontra no *caminhar*, ritmo. Percepção intensiva que produz sua geo-grafia nascida nos pés.

E dessa focalização profunda tenho feito minha força criadora: um *túnel de atenção* que recorta o inessencial para compartilhar o sensível vibrátil.

E os que reverbero são, senão, o tremor do vivido.

Não à toa, na maioria das imagens, não há pessoas. Talvez isso diga algo desse gesto:

caminhar pela cidade, caminhar pelas imagens, caminhar pelas palavras.

A câmera, então, como âncora, me permite o *clique*: essa interrupção momentânea do fluxo sensorial, a pausa na respiração do corpo-mundo. Nesse ato de *fotografar* o fragmento (o chão, a esquina, a passagem), sigo *grafando* a minha afetação, também como respiração.

E respirar é como perseguir a *não-palavra*, a *entrelinha* que morde o silêncio clariceano. É o *escrever com o corpo todo*, na celebração dos **instantes-já** que incessantemente morrem e nascem.

A *geo-grafia autista* é, portanto, a alegria dissonante de quem encontra sua liberdade mais selvagem no ato de perceber, enquadrar e, finalmente, dizer o seu próprio ser-cidade.

E o que me importa é esse coração que segue pulsando,
atonal, indomável e caminhante.

Referências

BRUNO, Giuliana. **Surface**: matters of aesthetics, materiality, and media. Chicago; London: University of Chicago Press, 2014.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. Tradução de Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

COATS, Cala. Thinking Through the Photographic Encounter: Engaging with the Camera as Nomadic Weapon. **International**

Journal of Education & the Arts, [S.l.], v. 15, n. 9, p. 1-24, 2014. Disponível em: http://www.ijea.org/v15n9/ Acesso em: 26 maio 2026.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

KAPP, Steven K.; STEWARD, Robyn; CRANE, Laura; ELLIOTT, Daisy; ELPHICK, Chris; PELLICANO, Elizabeth; RUSSELL, Ginny. 'People should be allowed to do what they like': Autistic adults' views and experiences of stimming. **Autism**, [S.l.], v. 23, n. 7, p. 1782–1792, out. 2019. DOI: https://doi.org/10.1177/1362361319829628 Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1362361319829628 Acesso em: 23 maio 2026.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi e Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LEON-QUIJANO, Camilo. The performative photograph: a poietic approach to visual ethnography in a French banlieue. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, [S.l.], v. 11, n. 3, p. 1116–1135, dez. 2021. DOI: https://doi.org/10.1086/718000 Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/718000 Acesso em: 26 maio 2026.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MORRIS, Isabelle F.; SYKES, Jesica R.; PAULUS, Emilie R.; DAMEH, Alharith; RAZZAQUE, Aysha; ESCH, Lauren Vander; GRUENIG, Jenna; ZELAZO, Philip David. Beyond self-regulation: autistic experiences and perceptions of stimming. **Neurodiversity**, [S.l.], v. 3, p. 27546330241311096, jan. 2025. DOI: https://doi.org/10.1177/27546330241311096 Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/27546330241311096 Acesso em: 23 maio 2026.

MURRAY, Dinah; LESSER, Mike; LAWSON, Wendy. Attention, monotropism and the diagnostic criteria for autism. **Autism**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 139–156, maio 2005. DOI: https://doi.org/10.1177/1362361305051398 Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1362361305051398 Acesso em: 20 maio 2026.

OLIVEIRA, Adriano Moraes de. Teatro, meu hiperfoco. **Manzuá: Revista de Pesquisa em Artes Cênicas**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 90–104, dez. 2025. DOI: https://doi.org/10.21680/2595-4024.2025v8n2ID41329. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/41329. Acesso em: 23 maio 2026.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. **Corporema**: por uma geografia bailarina. 1. ed. Vitória: Edição do Autor, 2018.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. Nunca estamos prontos: reparar o corpo, prescrever geografias. *In*: DOZENA, Alessandro (org.). **Geografia e Arte**. Natal: Caule de Papiro, 2020. p. 61–94. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/items/19003a5e-7268-4575-9a3c-4ffb46b90516 Acesso em: 19 fev. 2026.

RAPAPORT, Hannah; CLAPHAM, Hayley; ADAMS, Jon; LAWSON, Wenn; PORAYSKA-POMSTA, Kaśka; PELLICANO, Elizabeth. "In a State of Flow": A Qualitative Examination of Autistic Adults' Phenomenological Experiences of Task Immersion. **Autism in Adulthood**, [S.l.], v. 6, n. 3, p. 362–373, set. 2024. DOI: https://doi.org/10.1089/aut.2023.0032 Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1089/aut.2023.0032 Acesso em: 23 maio 2026.

SAAVEDRA PÉREZ, Boris. El Capitalismo de la Emoción: Una Aproximación desde la Filosofía de Byung-Chul Han. **Revista Palabra y Razón**, [S.l.], n. 27, p. 10–28, 2025. DOI: https://doi.org/10.29035/pyr.27.10 Disponível em: https://revistapyr.ucm.cl/article/view/1697 Acesso em: 23 maio 2026.

Antonio Carlos Queiroz Filho

Geógrafo, artista interdisciplinar-indisciplinado e professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador neurodivergente (TEA, TDAH), atua na zona de fronteira entre Geografia e Artes, investigando a interseção entre estética e política das imagens. Em sua poética, mergulha nas "geografias pós-representacionais", tensionando representações tradicionais do espaço por meio do vídeo, fotografia e mídias interativas como potências de reterritorialização. Lidera o grupo de pesquisa RASURAS (UFES) e integra o MediaLudens (UFF). Sua produção na interface arte-ciência acumula reconhecimentos nacionais e internacionais, com destaque para a atuação na residência "Contra|o|Tempo" (Linha de Fuga, Portugal, 2021) e no Festival de Artes Performativas de Coimbra (2020). Foi premiado no Sound Walk September Awards (2020), no Trieste Photo Days (Itália, 2020) e recebeu o Prêmio Folha de São Paulo de Fotografia (2019). Também integrou as seleções oficiais do Oregon Cinema Arts Festival (EUA, 2018), Festival de Cinema de Vitória (2018) e Prêmio "Olhar Estadão" (2015).

Mundo de mundos: as palavras e suas vozes

Jéssica Soares de Freitas

Hoje acordei com vontade de escrever algo.
O que é esse algo? Não sei, só sei que as palavras
que se fazem em mim, se formam

Começo a escrever esse texto enquanto asso pão, uso máscara de lama roxa e escuto Trem das Onze deitada no meu tapete de Yoga depois de fazer bolo e alguns molhos. Contextualização é importante. Por quê? Porque tudo isso que ocorre no momento, me influenciou a começar o texto depois de meses pensando no que iria construir. Desde que me comprometi a escrever para o livro me peguei pensando inúmeras vezes: qual(is) meu(s) hiperfoco(s)? Algumas vezes chegava na conclusão de que tinha vários e outras vezes de que não tinha nenhum. Debate mental 24 horas por dia.

Me interessei em colaborar para o livro assim que vi que a proposta era ser mais livre, menos acadêmico, mais próximo. Bem, já tento fazer isso na universidade, então oportunidade perfeita. Ainda mais voltado para neurodiversidade, universo que tento entender desde que descobri que esse é o grupo do qual pertenço. Bem, eis que a liberdade de escrita vem com um certo custo: o da indecisão. Mas como o meu cérebro não descansa nem quando durmo, é algo que pensei muito antes de chegar até aqui.

Algumas coisas vejo padrões de interesse desde criança: literatura, música e dança. Mas aí pensei até que ponto é apenas interesse e quando se torna hiperfoco. Tenho interesse em cozinhar, mas não é algo que faço todos os dias e ocorre em fases, geralmente associado em picos de energia como o que estou nesse momento em que aqui digito. Também me interesso em bordado, algo que tenho feito desde criança, mas não é consistente o suficiente. Mas

os interesses citados na primeira frase é algo que é extremamente constante na minha vida, em especial a literatura.

Por que aqui escrevo?
Porque palavras que falam não podem ser caladas

Música é algo que não vivo sem, escuto em todo e qualquer momento, mas para além de cantar em corais e saber como funciona uma partitura, nunca exatamente me aprofundei em detalhes. Já no caso da dança, participei desde pequena em diferentes gêneros, permanecendo por mais tempo na Dança Contemporânea e algo que me ajuda e muito a regular minhas emoções, mas não acho que esteja aqui minha resposta para minha pergunta inicial. Depois de muito pensar, chegando a falar com minha psicóloga e com meus amigos imaginários, chegamos na conclusão de que a literatura é onde posso encontrar a maior potência para meu hiperfoco.

No entanto, literatura é muito limitante para o que sinto em relação com a *palavra*. Construir mundos, ler sobre esses mundos, tentar entender como as frases são formadas. É isso que me encanta. Talvez o hiperfoco de como as coisas funcionam, de como as palavras funcionam, como os significados são colocados.

A vida prega peças. É um quebra-cabeças sem limites. Mas é fácil de encaixar as peças, só precisamos encontrar as que se encaixa e de vez em quando jogar fora as impossíveis. Mas essas mesmas peças podem ser faltantes depois. O loop da modernidade. Sejam bem-vindos.

Gosto de escrever, de criar mundos, mas não necessariamente gosto de expor esses mundos. Muito deriva do fato de que desde criança, as mentes que parecem ser diferentes para a maioria das pessoas são condicionadas a fazer tudo, menos o que realmente queriam fazer. Ainda assim, os mundos possíveis me foram abertos

desde pequena. Me lembro mais com um livro na mão do que brincando de boneca.

Com 5 anos, pedi para minha mãe para eu ir para a escola porque queria ler os livros que meu pai lia para mim antes de dormir. Como morava em um local onde isso não era possível, minha mãe resolveu me alfabetizar com livros doados por minhas tias professoras. Aprendi a ler e escrever em um balanço debaixo de um pé de flamboyant. Essa é uma memória que sempre faço questão de falar, é um marco da minha relação com as palavras. E é essa memória que me conecta ao meu lugar de criação, de crescimento.

E como boa acadêmica condicionada a fazer citações, cabe aqui me lembrar do que Lewicka (2014, p. 51, tradução livre), escreve: "memória é uma 'cola' que conecta pessoas aos seus lugares." Essa é uma frase que usei muitas vezes quando estudei lugar durante meu mestrado, que, inclusive, focava na comunidade em que cresci. E cabe perfeitamente aqui. Também mostra como a nostalgia é algo que nos coloca sempre os lados positivos, mesmo sabendo que tinha muitas rachaduras durante minha infância. Mas na mente nostálgica daquela que ama ler, essa memória é o que me une à minha comunidade, aos meus pais, aos meus avós.

Se hoje fico horas lendo e acabo me esquecendo de comer, beber água ou até mesmo que seres humanos precisam dormir, acredito que muito vem disso. Minha obstinação por aprender foi plantada junto ao pé de flamboyant, na fazenda onde eu cresci, isolada de um mundo em colapso. Foi ali também que decidi que seria doutora, ainda criança, quando ouvi meus avós falarem orgulhosos que iriam ter um filho doutor. Meu tio, que na época fazia doutorado em engenharia, já longe das serras que me faziam imaginar mundos para além das árvores lá plantadas.

A escrita é um bicho estranho, às vezes ela vem,
outras ela simplesmente some. Eu não uso a escrita,
ela que me usa como seu portal.

A dança e a música também são possibilidades geradas por palavras que não são faladas ou escritas, mas percebidas por diferentes sentidos que me movem diariamente a estudar o que amo. A Geografia Cultural entra na categoria de hiperfoco. Foi por causa dela que continuei na Geografia e é ela que me faz querer romper todas as barreiras de ciência que até hoje são estabelecidas.

Me lembro que durante minha adolescência, estudando para as provas que nos são estabelecidas para entrar em uma universidade, sempre pensava no qual insuportável era ler textos acadêmicos e quão melhor tudo seria se as palavras se desdobrassem como em um livro de literatura. Tinha certeza de que as pessoas ficariam muito mais interessadas em saber sobre os desenvolvimentos científicos se um vampiro ou um lobisomem falassem para elas.

Mas como isso já é pedir demais, pelo menos uma escrita um pouco mais fluída e menos rebuscada que abrisse portais para os mais diferentes mundos já seria o suficiente. Ali, sem contar para ninguém, fiz uma promessa para mim mesma que eu iria fazer justamente isso. Uma escrita literária dentro do mundo acadêmico. O que eu não contava era que boa parte das palavras que em mim se formavam queriam ficar por ali mesmo, se recusando a serem vendidas para serem expostas em currículos onde se transformariam em apenas números.

Life is not always a treat. It can be ruthless. But
what is life without adventure?

Muitas histórias foram criadas, mas estão guardadas em minha mente ou no computador no caso das que foram transpostas em palavras. Meu cérebro é mais rápido que as minhas mãos e por muito tempo apenas não conseguia passar para a máquina o que já estava pronto e arquivado na minha mente. Essa é uma questão que nem sempre se fala e algo que passei anos em terapia para entender como resolver.

Minha solução foi criar rotinas que conseguissem fazer com que fosse possível me perder sem prejudicar as atividades que preciso fazer. O que é um problema para mim. Uma vez que me sento para ler ou para escrever, todo o resto do mundo desaparece e o tempo parece ser outro. Dias viram noites e madrugadas viram dias. As conversas mentais que são incessantes ficam um pouco mais quietas a depender do livro, e, em outros casos, as discussões são inúmeras. A habilidade de ler de todos os ângulos possíveis, inclusive de cabeça para baixo deixa algumas pessoas intrigadas, mas para mim sempre foi comum.

Assim como levar um livro, seja ele físico ou digital, para festas. Ler no meio de várias pessoas falando ao mesmo tempo não necessariamente me atrapalha, mas isso foi uma habilidade necessária de ser desenvolvida. Me perder nas palavras, nos meus mundos, me faz me sentir mais segura em meio à cacofonia de palavras externas que nem sempre fazem sentidos para mim.

Escrevo enquanto sonho
Sonho enquanto escrevo
Não escrevo palavras
Palavras me escrevem
E no momento elas sonham

Caos mental ao mesmo tempo que me exige rotina, duas energias opostas que sempre estão de alguma forma confrontando a outra. Como regular? Livros, música, dança, mais uma vez. 5 minutos em um local escondido de tudo e todos escutando uma melodia já escutada por várias vezes. Um dia vendo/ouvindo a mesma série de sempre. Ler o mesmo livro pela milésima vez. Cantar sozinha no quarto que é meu próprio mundo. Escrever na parede, no armário, no ventilador. Em qualquer superfície disponível.

What is happening?
What will happen?
Why am I writing everinhing wrong?

Como manter uma carreira universitária ao mesmo tempo que nada parece ser tão interessante quanto livros de fadas? Por muito tempo esse pensamento me perseguiu e, em algum percentual, ainda persegue. Enquanto me perdia tranquilamente em mundos mágicos por horas sem me importar com o peso do meu corpo pelo sono não realizado, os textos de estudo provocavam esse sono.

Enquanto passava horas escrevendo sobre personagens que criava durante sala de aula para conseguir navegar em um universo que parecia não me suportar, tinha crises de pânico ao sequer pensar em escrever um resumo de 500 palavras. Enquanto no meu quarto a dança me tomava, fazia meu próprio concerto para milhares de pessoas invisíveis com meu canto, dava desculpas para não apresentar em um grupo que já conhecia por anos.

Mas quando lia, tudo isso era esquecido. Com o tempo (e muita terapia) aprendi a equilibrar as coisas. Hoje consigo ler por horas livros acadêmicos tanto quanto meus livros de temas suspeitos. A escrita ainda não é tão produtiva quanto na minha mente, mas aos poucos equilibro as palavras difíceis com a fluidez que minhas mãos parecem gostar de trabalhar. Por vezes as frases não parecem fazer sentido com uma ou outra palavra faltando. Meu corpo não acompanha o cérebro, e fazer com que minha mente se acalme, por vezes parece uma tarefa impossível. As únicas vezes que isso ocorre? Quando me transporto para os diferentes mundos criados a partir de imaginações diversas.

> *Escrever faz bem para a alma, faz bem para o ser,*
> *faz bem para a mente. Mas meu corpo já cansou.*

"O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado" (Tuan, 2013, p.167). Essa frase, tão conhecida por geógrafos e geógrafas sempre me fez pensar quais seriam os lugares que têm tanto significado para mim. E quando penso nisso me parece que meus *lugares de fantasia* parecem mais significativos do que aqueles materiais. Meu balanço não existe mais, nem minha árvore. Pelo menos não no sentido material, nesse

espaço concreto, mas na minha memória continuam vivos, assim como todos os meus mundos criados via relações imaginárias.

Tem um motivo do porquê gosto tanto de estudar intangibilidades, e esse motivo vem da minha paixão pela leitura. O que é engraçado, ou de uma certa forma fazer sentido é que nunca trabalhei efetivamente no campo da Geografia Literária, nunca realmente me adentrei aos significados e significantes de livros, isso porque para mim está muito mais relacionado às sensações que sinto ao ser afetada por palavras que atingem minha mente e ganham cores, cheiros, vozes e várias outras camadas.

In a dreamless world I would be the knife
The knife that kills everybody's dreams

Se o lugar é um microcosmo, como diz Relph (2014) e por ele que construímos nosso alicerce experiencial, como Marandola Júnior (2014) pontua, fico pensando se a literatura entraria nessas relações. Entro junto com quem fala que sim. Para mim é muito nítido o quanto esses mundos possíveis para mim é mais realidade do que o que chamam de realidade. Até pouco tempo atrás achava que todas as pessoas tinham conversas internas com vozes distintas. Que as imagens eram sempre 3D e que o brilho era sempre presente. Aparentemente esse não é o caso.

Não tenho ideia de como é ter uma mente silenciosa ou fechada para a imaginação. É tanta coisa acontecendo que por vezes meus mundos se sobrepõem de tal forma que a sobrecarga sensorial vem de dentro. Não de fora. Mas se esse é o caso, como então envolver com ainda mais pensamentos, causados por livros, é algo que me ajuda a ter um pouco mais de controle da minha mente?

Bem, ao me envolver com histórias que muitos acham absurdas, minha sobrecarga mental foca, o ritmo diminui, me perco por horas, mas quando saio desse mundo, minha mente volta a ser minha. Isso não significa que paro de imaginar, de sonhar, pelo

contrário. Mas as palavras se formam em imagens, em cores, em glitter. E isso me ajuda a não querer sair da minha própria pele.

Papel escreve na caneta a letra
Eu bebo copo na água
Ela vê as palavras na música
Ele sente o livro rosa
Você, o timbre
Pessoa sou, mas não quero
Aqui é dia no dia
Amanhã o vinho acaba

Em *A poética do* Espaço, Bachelard (2008, p. 239) escreve que "Quando se está na idade de imaginar, não se sabe dizer como e por que se imagina. Quando se pode dizer como se imagina, já não se imagina. Seria preciso, então, desamadurecer." Sei que nunca parei de imaginar, pelo contrário, talvez tenha apenas aprofundado minha relação com minha imaginação. E ela me fascina. Talvez minha imaginação, tentar entender como ela funciona, chega também a ser um hiperfoco. Não um hiperfoco que dividido com alguém, mas um que é só meu, pelo menos até o momento de aqui eu compartilhar.

Nos últimos anos cheguei na conclusão que boa parte da minha frustação com a escrita acadêmica era achar que não podia ser eu. Que tinha que seguir uma certa lógica, que não podia *imaginar*. Se esse era o caso, teria que ter escolhido qualquer outra área, já que sempre fui para a Geografia Cultural justamente por saber que ali teria mais liberdade de pensamento, de ação, de imaginação. Ainda que nunca me tenha encaixado em uma escrita extremamente rebuscada, achava que minha escrita leve, e os elogios de que meus textos pareciam mais literários do que acadêmicos, algo que sempre foi meu objetivo, era um problema. E então, minha relação com a escrita colapsou, e fiquei cerca de 2 anos sem conseguir escrever uma única linha.

I could just write in a paper or in a computer, but for some odd reason I'm here, writing things at my mind's will. I am down my path. Well, this is me being me and it's really cool. I am an amazing creature.

Pelo menos uma escrita acadêmica. Enquanto isso, muitas palavras eram colocadas na superfície do meu climatizador. Como o escrito acima, realizado em um dia de pensamentos intensos e que nem a literatura conseguia me prender. Nesse mesmo ano li quase 200 livros. Maior quantidade de livros que li em um ano até o momento. Era minha válvula, o que me ajudar a regular minhas emoções. Em conjunto com a música e a dança, formaram a tríade que me ajudaram a me perder em mim mesma ao mesmo tempo em que me procurava.

Why?
Because is better live than die alive

Me vem agora uma outra frase do Bachelard. No mesmo livro citado ele escreve que "Todo sonhador solitário sabe que ouve de outra maneira quando fecha os olhos." (Bachelard, 2008, p. 186). Para mim nunca necessariamente estou solitária. Tenho muitos amigos que vivem na minha cabeça para isso. Aqueles que criei, que dialogo sabendo que são da minha própria criação, mas que ao mesmo tempo no meu pensamento tem suas autonomias. E aqueles que fui cultivando ao longo dos anos.

A Mia de *O Diário da Princesa*, a Bella de *Crepúsculo* e várias outras amigas e amigos e acompanham desde muito tempo e foram graças a eles que minha escrita foi cultivada. Nas fanfics, utilizadas como instrumento pelos fãs para reescrever histórias a partir de seus personagens favoritos, minha escrita efetivamente toma forma.

Minha pasta de "guardados no cofre" é a prova de que em algum momento queria ser escritora literária. Queria fazer as pessoas se perderem nos meus mundos como eu me perco e ao mesmo tempo me encontro. Se o lugar é um fenômeno experiencial

(Karjalainen, 2012), meus lugares literários são muitos e esses mesmos lugares são conectados de forma intrínseca aos meus lugares concretos, de uma realidade extensiva.

Tudo o que escrevi até agora está conectado com o que chamados de vínculos de lugar. Como colocado por Rishbeth (2014, p.100, tradução livre) "No coração de qualquer vínculo há uma história. Pode ser a história de um momento, de um dia, de um ano. Ou, mais comumente, as histórias são aquelas que emergem gradualmente, tomam forma, retrocede, repetem em parte, fogem, reaparecem.". Meus lugares são formados a partir dos meus vínculos com as palavras. Me recordo dos livros que estava lendo em determinados dias. Nos sonhos que vivia quando fui chamada, na música que ouvia quando acontecimentos importantes tomaram ocorrência. Não lembro necessariamente de nomes, mas lembro das histórias.

Sei os livros que parei por algum motivo e onde parei. Posso voltar em alguns anos e vou saber exatamente o que aconteceu até ali. Mas tenho uma dificuldade enorme de lembrar que preciso me alimentar, tomar água e escovar dentes. A prioridade da minha mente não é essa. Meus vínculos com os lugares são formados a partir de relações formadas mais na minha mente do que fora dela.

E considerando que o vínculo de lugar é interdependente com outros aspectos de lugar (Seamon, 2014), minhas relações sonhadoras, imaginativas, são mais do que presentes nas conexões que construo com o espaço, com outras pessoas. Ainda que boa parte das pessoas não façam a mínima ideia do que ocorre em minha mente enquanto aparentemente eu falo com elas. E está tudo bem. Não é como se eu também soubesse por completo.

Em uma tentativa de acalmar minha mente e meu corpo, associei toda minha conexão com as palavras com outra habilidade desenvolvida por querer saber como as coisas funcionam: o bordado. Depois de muitos anos sem a proximidade com o trio mágico do tecido, linha e agulha, resolvi juntar as duas coisas que amo: palavras e bordados. Isso tudo depois de ver uma palestra em um mais um evento geográfico mais do que marcante.



Assim, fica nítido que meus hiperfocos, e talvez de muitos, sejam pluralizados e conectados. São hiperfocos de mundos, de saberes, de imaginações e tudo o que ocorre de forma única em cada pessoa. Talvez possamos não entender o porquê bordar palavras e mudar a forma delas seja tão encantador para alguém (meu caso), mas tentar entender que respeitar a maneira com que essa pessoa pensa talvez já seja o suficiente. Ao menos para tornar a vida em um mundo caótico um pouco menos aterrorizante.



Dito tudo isso, que ao mesmo tempo é muito e muito pouco, se chegou até aqui é porque os objetivos são paralelos, talvez as mentes também sejam. Cabe, talvez, aqui apontar que as incursões colocadas foram escritas por mim ao longo dos anos e, de forma geral, apareceram exatamente assim: em meio a fluxos que pareciam contínuos, "atrapalhando" pensamentos. Mas já estou com tempo o suficiente na minha mente para saber que aqui, nada tem tempo perdido.

Meu lugar, ou melhor, meus lugares, que para muitas pessoas são invisíveis, para mim provocam uma multiplicidade de sensações, entre elas o de acolhimento quando o mundo fora da mente parece apenas barulhento demais. Ao mesmo tempo, os livros, criados por outras mentes, me ajudam a regular quando meus mundos ficam muito barulhentos. Uma simples convivência de opostos.

O sentido é quando se coloca sentido



Referências

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KARJALAINEN, P. T. Lugar em *Urwind*: uma visão geográfica humanista. **Geograficidade**. v. 2, n. 2. Inverno 2012. pp. 4-22.

LEWICKA, M. In search of roots: memory as enabler of place attachment. In: MANZO, L. C. (Org.); DEVINE-WRIGHT, P. (Org.) **Place Attachment**: advances in theory, methods and applications. New York: Routledge, 2014, pp.49-60.

RELPH, E. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA JR., E. (Org.); WERTHER, H. (Org.); OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 17-32.

RISHBETH, C. Articulating transnational attachments through on-site narratives. In: MANZO, L. C. (Org.); DEVINE-WRIGHT, P. (Org.) **Place Attachment**: advances in theory, methods and applications. New York: Routledge, 2014, pp. 100-111.

SEAMON, D. Place Attachment and Phenomenology: The Synergistic Dynamism of place. In: MANZO, L. C. (Org.); DEVINE-WRIGHT, P. (Org.). **Place Attachment**: Advances in theory, methods and applications. New York: Routledge, 2014. pp. 12-22.

TUAN, Y. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Londrina: EdUel, 2013.



Jéssica Soares de Freitas
Mineira, formada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); amante de música com mestrado e doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) com período sanduíche na Aberystwyth University no País de Gales. Leitora ávida e dançarina nas horas vagas. Bordadeira sazonal, pensadora em tempo integral.

Este livro foi escrito, inteiramente, por adultos autistas embora, no senso comum, existam somente crianças autistas. Não somos anjos, nem azuis. Sim, crescemos, viramos adultos e idosos, vivendo entre a população típica, temos nossas experiências, trabalho, relações, mas temos especificidades muito marcantes na nossa constituição neurológica. Este ebook não pretende ser mais uma obra teórica sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas sim um livro recheado histórias de vida. Sendo assim, temos aqui textos variados que entregam não só a temática, mas o contexto da experiência autista.

Pedro & João Editores
pedrojoaoeditores.com.br
ISBN 978-65-265-3046-7